Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: 283
Mês: Setembro
Ano: 2022
Preço: R$ 5,00

JL digital
ACESSE: www.jornaldeletras.com.br

Academia Brasileira de Letras celebra 125 anos como guardiã dos saberes do país

A mais nobre instituição da nossa literatura comemora 125 anos, todos em prol da memória cultural do país. A Academia Brasileira de Letras nasceu, oficialmente, no dia 20 de julho de 1897, numa sala do museu *Pedagogium*, na Rua do Passeio, onde seu primeiro presidente, Machado de Assis, fez um breve pronunciamento. *(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)*

Editorial

O aniversário da Academia Brasileira de Letras (são 125 anos de fecunda existência) é motivo de alegria para a nossa cultura. Desde o seu nascimento, a ABL deu ao país uma série de figuras notáveis da literatura brasileira, a partir de Machado de Assis, que jamais teve quem o igualasse. Em consequência, foram produzidos livros de extraordinário valor. É certo que muitos deles foram vertidos para outros idiomas e brilharam no exterior, com as obras que se tornaram relevantes em inglês, francês e espanhol. A Academia, sob liderança de Evanildo Bechara, prepara agora uma primeira edição do *Dicionário de Machado de Assis*, o que certamente fará muito sucesso. Espera-se muito dos próximos aniversários da ABL.

O Editor.

A jornalista e escritora Lu Lacerda recebe os acadêmicos Merval Pereira e Arnaldo Niskier, no lançamento do livro ***Saudade Não Viaja Bem***, na Livraria Argumento, no Leblon.

"A maneira que a sociedade enluta seus mortos constitui um dos principais laços que definem uma cultura".

Sandra Niskier Flanzer

Expediente

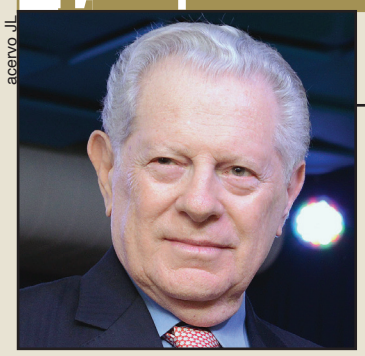
Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O Jornal de Letras é uma publicação mensal do Instituto Antares de Cultura / Edições Consultor.

Opinião

Arnaldo Niskier



acervo JL

Ruy Castro e a imortalidade

Logo que fui contratado pelo Adolpho Bloch, em janeiro de 1960, para ser chefe de reportagem da revista *Manchete*, no lugar de Darwin Brandão, preocupei-me com o quadro de repórteres com que passaria a contar, para ajudar Justino Martins no comando da publicação. Ele era um excelente profissional, mas, recém-chegado de Paris, tinha a cabeça quase inteiramente voltada para os assuntos da capital francesa. A minha primeira e fundamental obrigação foi "nacionalizar" os temas – e para isso precisava de bons repórteres. Três deles eram fora de série: Ruy Castro, Ney Bianchi de Almeida e Fernando Pinto, que já estavam engajados na empresa da rua Frei Caneca, 511.

Tínhamos a obrigação de lutar para alcançar a revista *O Cruzeiro*, líder absoluta que, na época, tinha incríveis 500 mil exemplares de tiragem.

Por sorte minha, eles se davam às maravilhas com o Justino, o que facilitava as coisas. Na verdade, a preocupação do Justino era o acabamento da revista, uma atividade praticamente cinematográfica, tomando como exemplo os modelos do *Paris Match* e *Jours de França*, na época as principais publicações francesas.

Dispúnhamos de um quadro verdadeiramente espetacular de repórteres fotográficos, o que garantia matérias de qualidade já então com o uso dos ektachromes (fotos coloridas). Lembro de alguns nomes: Nicolau Drei, Gervásio Baptista, Gil Pinheiro, Jankiel Gonczarowska, Antônio Trindade e os craques de São Paulo (alguns até premiados). Na equipe de repórteres, logo tivemos o reforço do Salomão Schvartzman, que saiu de *O Globo* para enriquecer o time de São Paulo.

Nessa fase, já existia muita admiração pelo trabalho do Ruy Castro. Ele depois se tornaria um mestre da biografia, pesquisando a vida e a obra de Nelson Rodrigues (nosso colega da Manchete Esportiva), Carmen Miranda, Garrincha (com quem eu tinha estado nos preparativos da Copa de 58 na Suécia) e acompanhado a bossa nova e os modernos artistas dos anos 1920.

Ruy começou como repórter, no início da década de 1990 e depois passou pelos grandes veículos da imprensa do Rio e de São Paulo. Até hoje é cronista da *Folha de São Paulo*. A partir de 1990 dedicou-se às biografias de Carmen Miranda, Garrincha e Nelson Rodrigues (a seu convite estive em São Paulo para falar sobre o autor de *O Anjo Pornográfico*). Publicou também os romances *Bilac Vê Estrelas* (2000), *Era no Tempo do Rei* (2007) e *Os Perigos do Imperador* (2022). Em consequência desse trabalho, ganhou o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras (pelo conjunto das suas obras).

Dessa forma, firmei uma sólida amizade com o Ruy e, quando precisou de algumas informações de "cocheira" sobre o comportamento dessa gente, fui um bom informante dos trabalhos do repórter.

Lembro que, como tinha estado com Garrincha nos treinamentos de Poços de Caldas e Araxá, com fotos que demonstravam isso, tive que abastecer o Ruy Castro de informações sobre os hábitos de bebida do nosso genial ponteiro direito. Amenizando as notícias de que o jogador do Botafogo era um beberrão contumaz. Como ele poderia ser o craque que demonstrou ser se se dizia que ele vivia bêbado? Não era verdade. Fui testemunha e ajudei a salvar a reputação do marido da Elza Soares.

Um novo livro sobre D. Pedro II

O último romance de Ruy Castro, com o qual ele disputará uma vaga na Academia Brasileira de letras, na eleição do dia 6 de outubro, chama-se *Os Perigos do Imperador*. Ele fantasia um atentado contra D. Pedro II numa viagem aos Estados Unidos, em 1876. A viagem aconteceu, mas o atentado é um exercício ficcional, mistura história verdadeira com imaginação. Ele se diverte com falsificações, como o diário do poeta Sousândrade, que teria deixado supostos originais na feira de antiguidades da Praça XV (no Rio). Deixa ao leitor a conclusão do que é real e o que é imaginação.

Republicano até a alma, o poeta maranhense Sousândrade morou de verdade uns tempos em Nova Iorque e poderia ter inspirado o complô citado nesse livro. Mas terá mesmo acontecido? Isso fica a critério dos leitores.

Agora, Ruy Castro é favorito na disputa para a cadeira 13 da Academia Brasileira de Letras. Redimiu-se das críticas à ABL ("lá só se vai para bater papo"). Confessou que lá existem pessoas "maravilhosas".

Quanto ao Imperador, nunca registrou o atentado em seu diálogo. De volta ao Brasil, em 1877, continuou a conviver com uma imprensa adversária e, mais de uma vez, declarou que se deixasse de ser o imperador, contentar-se-ia em ser professor de uma escola pública. Para provar isso, recusou o convite para posar para uma estátua e sugeriu que usassem o dinheiro para construir escolas. No fundo, parecia saber que o Brasil seria, mais cedo ou mais tarde, república e queria certificar-se de que a posteridade lhe seria amável como soberano.

O livro termina com um beijo de James O'Kelly numa jovem, tendo ao fundo as cataratas.

O amor na cidade luz

Por Gabriel Chalita*

Foi na Cidade Luz. Toda cidade é luz quando habita uma história de amor.

Acordei já ciente do que deveria fazer. Nos dias que antecederam nossa viagem, preparei os dizeres. Nas costuras das nossas vidas feitas uma, só uma palavra cabia, amor; só um verbo a ser conjugado, amar.

Amei Juliana desde os inícios. Sua meninice divertida, sua leveza de alma, sua entrega para um caminhar acompanhado de belezas e, também, de estranhamentos, como é a vida de quem vive a dois, como é a vida.

Os anos foram mudando em mim os dias. O meu trabalho exige ausências. As minhas preocupações me tiram momentos preciosos que gostaria de entregar a ela. E, mesmo assim, nada preciso explicar. Seu sorriso me alivia as falas e me devolve a lembrança do que sou, um homem apaixonado.

Temos dois filhos. Uma linda menina de nome Valentina que, ao dizer "papai", explica a felicidade, e um menino, há pouco nascido, engatinhando nos sorrisos de nos entreter no amor. Temos história. O tempo vai disfarçando os dias e, quando acordamos, já se foram anos do primeiro dia.

A Cidade Luz vivia a temperatura da beleza. Eu a convidei para irmos olhar a torre. As alturas sempre nos fascinaram. Aprendemos que viver nas baixezas é um desaprender. Olhamos os nossos erros como quem olha os ventos que levam as nuvens e que devolvem luz aos dias. Ela disse sorrisos e foi. Preocupada em deixar as crianças. Ela é mãe inteira. Ama cada segundo dos afazeres da maternagem. Amamenta de afetos suas crias. Corrige. Celebra. Vive. Prefere estar com os dois a qualquer festa. Estar com os dois é a maior festa da vida. "Pablo, meu amor, não podemos demorar muito. João acorda e quer me ver."

Eu agradeci a escolha certa. E, diante do que ilumina, retirei uma joia nova, escolhida para celebrar. Ajoelhei a vida aos seus pés e a pedi em casamento. "É claro que sim." Foi o que disse. Foi o que disse derramando lágrimas por estarmos ali, permanecendo ali. Eu a beijei como da primeira vez. Com a delicadeza de quem escolhe uma flor, mas não a retira do jardim da felicidade, apenas faz dela a sua flor, a única flor do universo.

Depois do aceite, andamos de mãos dadas. As pessoas pareciam compreender os nossos sentimentos. Era um mundo gigante feito território, apenas nosso, no nosso compromisso de cuidar do jardim até o último dia.

Viver é compreender a morte que um dia chega e é chegar até ela agradecendo pelas escolhas corretas, pelos não desperdícios. Viver é desacreditar das falas desconectadas de amor, dos pessimistas que antecipam a morte, inclusive a morte do amor. Eu sou um crente da eternidade, da felicidade quando se faz o bem.

No jantar que se deu, depois do "sim" de Juliana, meu amigo Salomão, que leva o nome do rei da Sabedoria, abraçou a nossa felicidade e explicou o significado do plantio e da colheita da bondade. Quero prosseguir sendo bom, com todas as rasuras que fazem parte do texto da minha existência. Quero prosseguir sendo bom. Até a leitura final. Do balanço do que contribui para o tempo e o espaço onde nasci, onde nasceu também Juliana. Como é bom encontrar um amor e como é bom não desperdiçar o sagrado encontro.

Hoje é um dia comum. Já voltamos da viagem. Hoje é um dia comum em que posso acordar ao lado dela e saber que viverei um dia intenso no trabalho interminável. E que voltarei para cheirar o seu cheiro, para abraçar cada pedaço da sua história e me fazer novamente inteiro para outros dias. Hoje é um dia comum, de uma cidade que também é luz, porque nós iluminamos os lugares em que estamos, quando estamos.

"Me dá um beijo, papai", é Valentina, correndo até a mim. Junto com ela está Juliana com João no colo. A porta da casa já está aberta, mas naquele rico instante eu estaciono todas as minhas ansiedades e respiro a felicidade de ser amado.

Em breve, faremos a festa do nosso casamento. Será um ato formal de um amor já formalizado pelos dias em que vivemos juntos. Mas será uma festa. Escolhemos a primavera como a estação que há de assistir aos dizeres. O renovado "sim", a renovada decisão de "cuidar", o sagrado momento de fazer sagrados todos os momentos de vivermos juntos.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

Adeus ao gênio Jô

Por Maria Cabral

Depois de uma bem-sucedida carreira de seis décadas, com uma incrível capacidade de traduzir, satirizar e divertir o Brasil, o público se despediu, com tristeza, do carioca José Eugênio Soares, o eterno "Jô". A notícia de sua morte, aos 84 anos, divulgada no dia 5 de agosto, repercutiu tanto na sociedade brasileira, quanto na imprensa internacional.

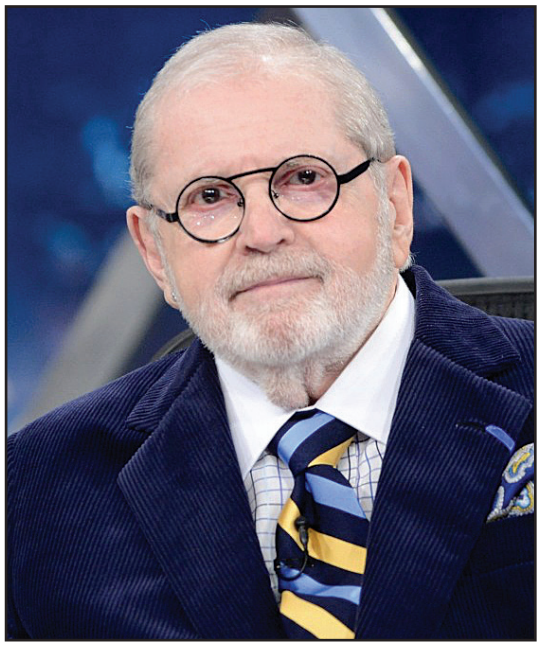
Nascido na cidade do Rio de Janeiro, José Eugênio Soares foi o único filho do empresário paraibano Orlando Heitor Soares e da dona de casa Mercedes Pereira Leal. Pelo lado materno, era bisneto do conselheiro Filipe José Pereira Leal, diplomata e político que, no Brasil Imperial, foi presidente da província do Espírito Santo.

Jô queria ser diplomata quando criança. Com esse objetivo, foi estudar na Suíça. Durante a estadia no Lycée Jaccard, ganhou o apelido de "Joe", redutivo da versão inglesa de seu nome, Joseph, bem como referência à popular canção "Hey Joe!", de Frankie Laine. Mais tarde, reduziria a Jô. Porém, percebeu que o senso de humor apurado e a criatividade inata apontava para outra direção.

Com múltiplas habilidades, além de atuar, dirigir, escrever roteiros, livros e peças de teatro, Jô Soares também foi um apreciador de jazz e chegou a apresentar um programa de rádio na extinta Jornal do Brasil AM, no Rio de Janeiro, além de uma experiência na também extinta Antena 1.

Na TV brasileira, não existe história sem Jô, que esteve desde os primórdios. Estreou no elenco da Praça da Alegria, em 1956, na TV Record, onde ficou por 10 anos. Lá também protagonizou, em 1965, a única novela de sua carreira, a comédia "Ceará contra 007", a trama de maior audiência naquele ano no Brasil. Também na Record, participou da "Família Trapo", onde roteirizava, ao lado de Carlos Alberto de Nóbrega, e atuava como "Gordon", o mordomo atrapalhado e descompensado. Último trabalho na Record.

Em 1971, se transferiu para a TV Globo. Faça Humor, Não Faça Guerra foi primeiro humorístico na emissora, onde lançou uma galeria de personagens e bordões que, até hoje, estão na boca do povo. Em 1981, Viva o Gordo, com direção de Walter Lacet e Francisco Milani, foi o primeiro programa solo. Deu origem ao espetáculo Viva o Gordo, Abaixo o Regime (sátira explícita ao Golpe Militar de 1964 ainda vigente àquela época).



Depois de conquistar todos os territórios no humor, em vez de se acomodar no sucesso, Jô se transferiu para o SBT a fim de apresentar um programa de entrevistas. Carregou um público numeroso para o seu "Jô Soares onze e meia". Qualificou a faixa da madrugada, recebeu o Brasil todo – famosos e anônimos com algo a contar – em seu sofá. Quando a entrevista não rendia pelo convidado, compensava tudo improvisando um show próprio. Em 2000, voltou para a Globo, onde fez o Programa do Jô, até 2016.

O apresentador falava, com diferentes níveis de fluência, cinco idiomas: português, inglês, francês, italiano e espanhol, além de ter bons conhecimentos de alemão. Traduziu um álbum de histórias em quadrinhos de Barbarella, criação do francês Jean-Claude Forest.

Com grande talento literário, Jô estreou na literatura aos 57 anos, com o romance *O Xangô de Baker Street* (1995). Em seguida, publicou *O homem que matou Getúlio Vargas* (1998), *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras* (2005) e *As esganadas*(2011), sempre esbanjando sua verve humorística, o amor pelas histórias policiais e o gosto pela pesquisa histórica. Vendeu mais de 1 milhão de livros em duas décadas, afirmando sua popularidade também como escritor.

Em 31 de outubro de 2014, morreu seu único filho, Rafael Soares (1964–2014), que tinha transtornos do espectro autista, no Hospital Samaritano, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Em 4 de agosto de 2016, foi eleito para a Academia Paulista de Letras, assumindo a cadeira 33, que pertenceu ao escritor Francisco Marins.

Jô Soares vivia em seu apartamento, em Higienópolis, São Paulo. A última aparição pública do humorista e apresentador aconteceu em fevereiro de 2021, quando ele esteve no Estádio do Pacaembu para se vacinar contra a Covid-19, em 2021.

JL Breves

por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

◉ Acompanhado de uma exposição com curadoria de Max Perlingeiro, Luiz Carlos Ritter lança, no dia 3 de setembro, a obra *Coleção Luiz Carlos Ritter*, na sede da Pinakotheke Cultural, em Botafogo. A publicação conta com textos da acadêmica Nélida Piñon, Ricardo Linhares, Ana Cristina Reis, Clélio Costa Alves, Vanda Klabin, além do editor Max Perlingeiro. Sucesso certo.

◉ O Supremo Tribunal Federal lançou o livro e a cartilha *Liberdades*, com artigos dos 11 ministros, em comemoração aos 200 anos da Independência do Brasil. O prefácio é do ex-ministro José Bernardo Cabral.

◉ *Experiências do Rio de Janeiro* é o título do novo livro organizado por Bayard Do Coutto Boiteux e Matheus Oliveira, inspirando leitores a saber mais sobre o estado.

◉ *O Amor Imaginário*, de Denise Emmer, acaba de ser lançado com o selo da Editora 7 Letras.

◉ *Em Metaverso: Onde você vai viver e trabalhar em breve* (Alta Books Editora), Walter Longo e Flavio Tavares apresentam a nova realidade virtual de forma objetiva, para quem busca uma introdução sobre o assunto.

◉ Markus Dohle, CEO da Penguin Random House, anunciou para 15 de novembro o lançamento mundial de *Nossa Luz Interior: Superação em tempos incertos*, o novo livro de Michelle Obama, ex-primeira-dama dos EUA.

◉ *Aconteceu Naquele Verão* (Ed. Intrínseca), primeiro livro de Tessa Bailey publicado no Brasil, apresenta romance provocante e divertido entre uma *it girl* e um capitão rabugento.

◉ A Pallas Editora lançou no Brasil *O Livro de Deslembramento*, 25º título do premiado autor angolano Ondjaki.

◉ O ilustrador brasileiro Fido Nesti venceu o Prêmio Eisner (o "Oscar" dos quadrinhos), pela adaptação de *1984*, de George Orwell. O ilustrador, que atua há mais de 30 anos como artista gráfico, levou o prêmio na categoria "Melhor adaptação de outro meio" por sua versão do clássico.

◉ Entre as novidades que chegarão às livrarias neste mês de setembro estão uma edição especial de *O Cavaleiro dos Sete Reinos* (Suma), outra narrativa épica do criador de Game of Thrones, George R.R. Martin e *Antropologia Estrutural Zero* (Bertrand), que reúne textos inéditos do antropólogo Claude Lévi-Strauss.

◉ A Aletria, casa editorial voltada especialmente para o público infantil e juvenil, lançou um novo selo, o Cafuné Edições, segmento voltado para os bebês e para a primeira infância (zero a três anos).

◉ *Mãe Rússia*, de Lesley Chamberlain, faz uma análise histórica da filosofia russa, suas relações e embates com a filosofia ocidental ao longo dos séculos. A obra ganhou tradução de Renato Aguiar para a Editora Record.

◉ Retrato bem-humorado dos EUA de hoje, *Heróis da Fronteira* (Companhia das Letras), de Dave Eggers, conta a história de Josie, que parte para o Alasca com os dois filhos pequenos, a bordo de um trailer velho.

◉ Com tradução de Daniel Galera para a Editora Quadrinhos na Cia., *Estado Elétrico*, do sueco Simon Stàlenhag, alia desenhos hiper-realistas com talento narrativo em uma estética retrô-futurista.

◉ *Pássaros na Boca e Sete Casas Vazias* (Fósforo) é a reunião de dois volumes de contos da autora Samanta Schweblin, com tradução revisada por Joca Reiners Terron.

◉ Carol Moreira e Mabê Bonafé, que narram histórias policiais reais no podcast Modus Operandi, do Globoplay, lançaram o livro *Guia de True Crime* (Ed. Intrínseca), onde contam tudo o que acontece numa investigação.

◉ *Revolução Sistêmica* (Ed. Academia), de Patrícia Calazans, oferece um manual em que se possa atingir um novo nível de consciência e deixar de lado dinâmicas ocultas, vínculos tóxicos e padrões repetitivos.

◉ Para entender o papel determinante que o mosquito teve na evolução da humanidade, o doutor em história pela Universidade de Oxford Timothy C. Winegard desenvolveu um estudo pioneiro e lançou *O Mosquito* (Intrínseca), apresentando uma narrativa com muitos dados curiosos.

◉ *Em Busca da África: Pretitude e modernidade* (Ed. Zahar), do intelectual Manthia Diawara, apresenta uma análise aguda da África contemporânea.

◉ O primeiro romance da alemã Katharina Volckmer, *A consulta* (Ed. Fósforo), ganhou elogios da crítica e comparações com o conceituado autor Philip Roth.

◉ Em *O Porquê das Drogas*, (Ed. Rua do Sabão), Øystein Skjælaaen, através de estudos em países e culturas diferentes, analisa as percepções sobre a alteração da consciência.

◉ Em seu primeiro livro infantil – *Vovó Re Versa* (Ed. Literando) – Helen Maria revela dúvidas e alegrias de como ser avó.

◉ Após décadas fora das livrarias, *Vagas Notícias de Melinha Marchiotti*, a saga em torno da diva Melinha Marchiotti, surge em nova edição, marcando o retorno de João Silvério Trevisan ao catálogo da Record.

◉ *A Promessa*, de Damon Galgut, romance vencedor do Booker Prize 2021, foi lançado, no Brasil, pela Record.

◉ *Carroussel de Histórias*, de Marta Barros de Almeida, com ilustrações de Marcia Fialho, teve lançamento promovido pela Editora Lacre.

◉ *Os Catadores de Conchas*, de Rosamunde Pilcher, que vendeu mais de 10 milhões de exemplares ao redor do mundo, foi lançado no Brasil pela Bertrand, do Grupo Editorial Record.

◉ A Faro Editorial estreou selo exclusivo para quadrinhos. O primeiro título é *Galo de Briga*, HQ com pegada nostálgica escrita por Mark Pellegrini e desenhada por Mitch Breitweiser.

◉ Até o final do mês, a Tordesilhas lança a edição atualizada de *Paulo Leminski*, biografia do poeta escrita por Toninho Vaz.

◉ *Em Filósofas* (Maquinaria Editorial), Natasha Hennemann e Fabiana Lessa resgatam mulheres com trabalhos relevantes na Filosofia.

◉ De 24 a 25 de novembro acontece o IV Colóquio Internacional Diálogos Luso-Serfaditas, no Instituto Politécnico de Tomar, em Portugal.

JL Humor

por Jonas Rabinovitch jonasrabinovitch@gmail.com

PESADELOS

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Turismo

"O turista sul africano se perdeu na praia de Copacabana."

A culpa foi a falta de hífen. Deve-se usar hífen para ligar duas palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente um vocábulo, mas encadeamentos vocabulares: **sul-africano**. Outro exemplo: O turismo no eixo **Rio-São Paulo** é grande.

Frase correta: "O turista **sul-africano** se perdeu na praia de Copacabana."

Redundância I

Um conhecido apresentador de televisão entusiasmou-se tanto com a alegria da pessoa sorteada que disse: "Observem o sorriso no rosto dela..."

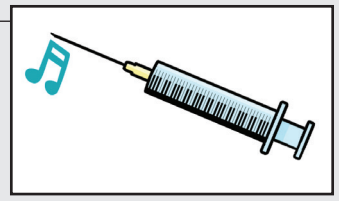
Sorriso poderia ser em outro lugar?

Redundância II

Uma emissora de televisão, fazendo chamada para a programação de domingo: "O assassinato de Ana Carolina há anos atrás."

Por que o exagero? Usa-se **há** ou **atrás**. Os dois termos juntos é uma redundância desnecessária. Frases corretas: "O assassinato de Ana Carolina **há** anos" ou "O assassinato de Ana Carolina anos **atrás**."

Relendo Machado



"Não quero saber de farmácias, nem de outras instituições suspeitas. Quero saber de música, só música, tão somente música. O Jornal do Commercio deu um brado esta semana contra as casas que vendem drogas para curar a gente, acusando-as de as vender para outros fins menos humanos." **(Machado de Assis – A Semana II – 5/7/1896)**

Resultado dos temporais

"Parecem eminentes novos deslizamentos nas encostas da estrada Rio-Petrópolis, caso as chuvas continuem."

O fato é lamentável, principalmente, numa rodovia tão bem cuidada. Lamentável, também, o uso indevido da palavra **eminente**.

Observe: **eminente** – superior, excelente, ilustre, alto, elevado.
iminente – que ameaça acontecer breve, que ameaça cair.

Período correto: "Parecem **iminentes** novos deslizamentos nas encostas da estrada Rio-Petrópolis, caso as chuvas continuem."

Reabertura com erro

Uma rede de supermercados comprou o concorrente e resolveu fazer obras. Até aí, tudo bem. Só que anunciou nos jornais, em grandes letras, que "estaremos preparando as lojas para abastecê-las e reabrí-las em breve".

Fechou o tempo com esse acento descabido. Preste atenção: **Reabri-las** – após a queda do **r** final, a palavra tornou-se oxítona terminada em **i**, logo não deve ser acentuada.

Viajando

"Fiz uma bela viagem de final de ano com meus pais. Espero que eles viagem novamente ano que vem."

Essa nova viagem não deve ocorrer... A palavra está mal empregada na segunda frase, já que foi usado o **substantivo viagem** em vez do **verbo viajar** (conjugado no presente do subjuntivo: que eu viaje/que tu viajes/que ele viaje/ que nós viajemos/ que vós viajeis/que eles viajem).

Período correto: "Fiz uma bela viagem de final de ano com meus pais. Espero que eles **viajem** novamente ano que vem."

Entrega furada

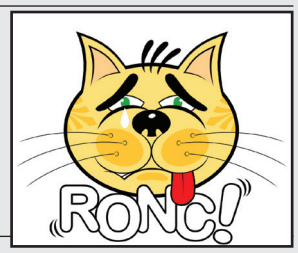
"Mateus entregou seu portifólio na agência de publicidade."

Não vai nem ser visto! A palavra está grafada erroneamente.

Portfólio (sem a letra **i**) significa: 1. Conjunto de material gráfico para apresentações; 2. Conjunto de trabalhos ou fotografias de trabalho de um profissional das artes; 3. Dossiê ou documento com registro individual de habilitações ou experiências.

Frase correta: "Mateus entregou seu **portfólio** na agência de publicidade."

Gatinho esfomeado



"Flávia ficou triste ao ver o gatinho em estado de inanissão."

Não há ajuda que o faça melhorar, escrevendo assim. A palavra **inanição** está grafada erroneamente.

Frase correta: "Flávia ficou triste ao ver o gatinho em estado de **inanição**."

Ataque carnavalesco

"Lorena pulou Carnaval no litoral e foi atacada pelas murissocas."

Não aproveitou e nem soube escrever o nome do inseto. Não existe a palavra "murissoca", a grafia correta é **muriçoca** (espécie de pernilongo; a origem do nome, segundo Houaiss: "tupi *mberu'soka 'pernilongo', formado do tupi mbe'ru 'mosca' e tupi 'soka 'que quebra, que parte, que fura'; há tb. as f. meruçoca, moroçoca, muruçoca.

Frase correta: "Lorena pulou Carnaval no litoral e foi atacada pelas **muriçocas**."

Os discursos acadêmicos

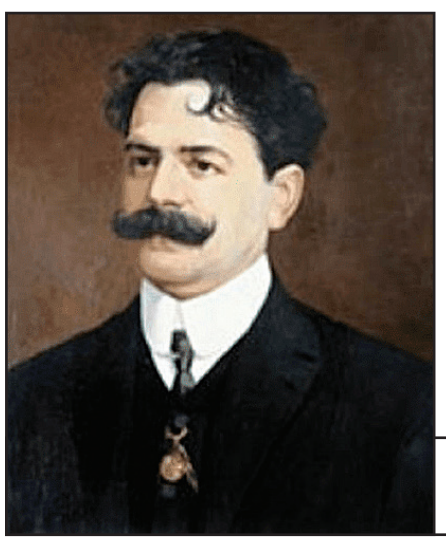
Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Estamos em plena campanha eleitoral e, nesta época, as falas e os discursos se sucedem. São encontros, cerimônias e eventos em que urge falar para expor ideias – quaisquer que sejam elas, a esta altura. Parece que em todas as ocasiões falar é o que importa, mesmo que à custa da paciência do ouvinte.

Ora, a Oratória é uma arte, e sendo assim tem regras próprias para que da tribuna ou do púlpito se possa ter na conta de discurso uma fala qualquer. Falar de improviso, concatenando ideias de acordo com essas exigências formais e criando efeitos esteticamente apreciáveis, é qualidade que exige dedicação e treino. Tendo-o na conta de gênero literário (assim como a epístola, por exemplo), acontece o mesmo: há requisitos formais a diferenciar o discurso de outros gêneros de produção escrita.

É o que ocorre nas Academias de Letras. O discurso acadêmico trata-se de uma categoria especial dentro desse gênero literário, porque tem requisitos a serem observados: além de respeitar as regras características do discurso, deve atender às exigências próprias da destinatária, a Academia. Aliás, numa Academia de Letras, o ritual acadêmico não pode ser deixado de lado, pena de desvirtuamento da própria natureza da instituição. Portanto, a produção de um discurso acadêmico não dispensa a observância de determinados preceitos: a praxe exige do empossando que fale dos propósitos que inspiram a sua adesão à casa e que elogie convenientemente os seus antecessores no mesmo ideal. Do que o recebe espera-se que realce as qualidades que fizeram o novo acadêmico merecedor de se juntar aos demais na cadeira que passará a ocupar. A propósito, o acadêmico Afrânio Peixoto, que presidiu a Academia Brasileira de Letras, registrou que o que entendia por glória acadêmica resumia-se a dois discursos: um, de corpo presente, quando chega o acadêmico; outro, sobre ele, na posse do sucessor.

A Afrânio Peixoto, ciente da importância do discurso acadêmico como gênero literário e como essência dessa "imortalidade" conferida pelas Academias, se deve a iniciativa de sistematizar a publicação dos discursos proferidos nos umbrais da Academia Brasileira de Letras. Iniciada com a publicação das falas de Machado de Assis e Joaquim Nabuco na sessão inaugural, prosseguiu em vários volumes, numa coleção que para ele "resultará mesmo uma história literária ou uma crítica de letras". Sem dúvida. A obrigatoriedade do elogio aos antecessores, listando suas obras, levantando-lhes as peculiaridades do estilo e esboçando apreciação crítica, faz da coleção de discursos acadêmicos um repositório de informações e de opiniões abalizadas sobre o movimento literário nacional nesses últimos cento e trinta anos. Daí a importância da publicação e da divulgação desse rico material. E na íntegra, para dispensar, diz Afrânio, "coletâneas de excertos, em que a malícia escolherá os piores trechos, por amostra dessa literatura protocolar". Lúcido e escaldado acadêmico....



Afrânio Peixoto sistematizou a publicação de discursos na Academia Brasileira de Letras.

De qualquer sorte, é bom se afastar do vaticínio de Voltaire, para quem, nessas horas, "a necessidade de falar, o embraço de não ter nada a dizer e a vontade de ter espírito são três coisas capazes de tornar ridículo até mesmo o maior homem". Em plena época de campanha eleitoral, que essa advertência de cunho acadêmico valha de alguma coisa.

*Getúlio Marcos Pereira Neves, membro do PEN Clube do Brasil.

A posse de Eduardo Gianetti na ABL

Por Maria Cabral

Em cerimônia solene no Petit Trianon, na sede da Academia Brasileira de Letras, no Centro do Rio, com transmissão ao vivo pelo site da ABL e pelo canal de Youtube da Instituição, o escritor, professor e economista Eduardo Giannetti da Fonseca tomou posse na cadeira de número 2 da Casa de Machado, sucedendo ao filósofo e professor Tarcísio Padilha, falecido no dia 9 de setembro do ano passado. Os ocupantes anteriores foram Coelho Neto (fundador), João Neves da Fontoura, João Guimarães Rosa e Mário Palmério.

Os acadêmicos Antonio Carlos Secchin, Edmar Lisboa Bacha e Zuenir Ventura conduziram o novo acadêmico ao Salão Nobre. A acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira fez a entrega do colar. Já a espada foi entregue pelo acadêmico Arnaldo Niskier. A entrega do diploma foi realizada pelo acadêmico Gilberto Gil. O acadêmico Antonio Cícero fez o discurso de recepção.

Em seu discurso de posse, o novo imortal disse que "temos deveres e responsabilidades com os que nos precederam e, não menos, com os que vêm depois de nós. Se a memória é a correia de transmissão do espírito entre o passado e o presente, a imaginação criadora é a ponte capaz de nos conduzir ao futuro. Eis a imortalidade que importa".

Em entrevista antes da posse, Gianetti falou que pretende atuar, principalmente, na parte editorial da ABL: "Eu quero ajudar a ABL a produzir edições acadêmicas e comentadas de grandes clássicos brasileiros. Este é o meu projeto."

Referência em temas como ética e filosofia, Eduardo Gianetti nasceu em Belo Horizonte, no dia 23 de fevereiro de 1957. É economista, professor, autor e palestrante formado na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) e em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), ambas da Universidade de São Paulo (USP). Possui doutorado em Economia pela Universidade de Cambridge (1987). Atualmente é professor da Ibmec Educacional. Foi também professor de economia do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), da FEA-USP (1988-1999) e da Universidade de Cambridge (1984-1987). É autor de diversos livros e artigos, sendo alguns deles traduzidos para outros idiomas. Venceu duas vezes o Prêmio Jabuti: a primeira vez, em 1994, por *Vícios Privados, Benefícios Públicos?*, e a segunda, em 1995, pelo livro *As Partes & o Todo*. Foi vencedor do prêmio Economista do Ano, pela Ordem dos Economistas de São Paulo, em 2004.

O poeta e as cataratas

Por Peilton Sena*

Lavaste minha alma
Com a brancura de tuas águas
Enquanto corria livre feito
Criança descalça pelo meu
Viajante coração

Vim de tão longe
Mas valeu apena
Nosso encontro foi
Amor à primeira vista
Puro êxtase
Estado pleno de gratidão

Tu me olhaste
Como olhaste a todos
Do teu jeito
Mas eu não tive medo
Por que teria?
Se entre nós, desde sempre,
Sempre houve honesto e
Profundo respeito

Foi por isso que
Não usaste de tua força
Para acariciar meu rosto
Pelo contrário, tocaste a
Minha face com a suavidade
De tuas pequenas gotículas
Que bailavam suspensas no ar...
Desenhando perfeito arco-íris
Que de tão lindo foi logo
Hipnotizando meu olhar

Eu ali diante de ti
Molhado da cabeça aos pés
Juntei as mãos em devoção
E num sacrossanto ato de fé
Agradeci à Mãe Natureza
Pela grandiosidade de tua rara beleza

E foi assim
Eu em ti e tu em mim
(poeta e água, água e poeta)
Que na brevidade de um silêncio
Tecido em oração nos abraçamos
E nos despedimos deixando para sempre
Um no outro, parte da alma e também do coração

*Poetamigo, Peilton Sena – membro da Academia Santista de Letras e da Academia de Letras e Artes de Praia Grande/SP.

Livros e Autores

por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

Saudade Não Viaja Bem

Saudade não viaja bem, romance de estreia da escritora e jornalista Lu Lacerda (Ed. Record), vendeu quase 500 exemplares na noite de autógrafos. Tecelã atenta de uma arte cujo instrumento é a palavra, Lu Lacerda forma, com elas, o sustento de sua envolvente narrativa. Observadora perspicaz, craque em captar as sutilezas das pessoas no cotidiano, a autora nos oferece uma trama madura, difícil de caracterizar como "estreante". Como afirma o editor Rodrigo Lacerda, na orelha da obra: "Há uma grande elaboração pregressa, afinal, escrever não é apenas uma questão da técnica literária, é também um processo de amadurecimento pessoal."

A história da protagonista Maria Clara expõe sentimentos densos, resultando numa obra firme, em que as palavras surgem como potência. Dividido em 63 capítulos, o livro surpreende pela prosa ao mesmo tempo crua e lírica, que nos toca com a intimidade própria da Literatura maiúscula. A voz que nos fala vem de dentro de cada frase, sem máscaras, sem temor. Sua independência se faz mais forte pela escolha da trama. Corajosa, porém, sem o ranço da pieguice. Os assuntos narrados são desencadeados de forma harmônica, dando ao leitor a compreensão sublime do que há de mais evocativo nas lembranças.

Colunista e editora do blog www.lulacerda.com.br, a baiana (radicada no Rio) Lu Lacerda é jornalista formada pela Faculdade da Cidade, em 1994.

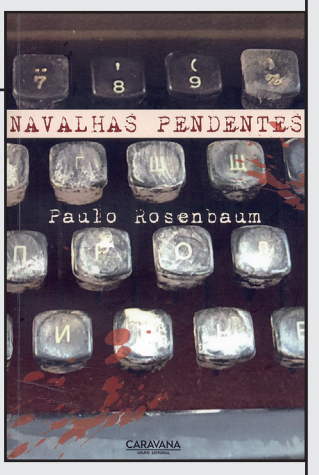
Helô – Diário de uma paixão secreta

Décimo quinto livro do mineiro Pedro Rogério Moreira, *Helô – Diário de uma paixão secreta* (Ed. Topbooks, 2022) fecha a trilogia iniciada com *Memórias da diverticulite* (2019) e *O livro de Carlinhos Balzac* (2021). As três novelas movem os mesmos personagens, embora tenham vida própria.

Com uma escrita confessional, que mistura ficção à realidade autobiográfica, a inspiração confessada pelo personagem Toninho é Machado de Assis. Na contracapa, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni) afirma: "O autor declara que seu livro é uma 'telenovela das sete'. De fato, ele aborda o momento grave do Brasil com doses de sexo, humor, informação e romantismo. Mas o enredo surpreende: o personagem famoso de Machado de Assis jamais chegaria a tanto em meio à infausta pandemia sanitária, política e cultural que assola o país. Se a paixão secreta de Toninho foi Helô, suspeito que a de Pedro Rogério sejam os livros."

Pedro Rogério Moreira nasceu em Belo Horizonte, em 1946. Começou a vida produtiva como balconista da livraria e editora mais importante de Minas Gerais e uma das maiores do Brasil – a Itatiaia. Exerceu o Jornalismo diário em São Paulo, Rio e Brasília. Há 20 anos trabalha no setor de telecomunicações. É membro da Academia Mineira de Letras.

Navalhas Pendentes



No romance *Navalhas Pendentes* (Grupo Editorial Caravana, 2021), Paulo Ronsenbaum apresenta uma hipótese ficcional criativa e envolvente para o lançamento de "best-sellers".

Na trama, desenvolvida ao longo de mais de 300 páginas e 13 capítulos, uma editora fictícia se destaca no mercado por sua enorme capacidade de publicar livros campeões de vendas. Na orelha da obra, Lyslei Nascimento afirma: "O narrador parece viver em um pesadelo, como nos enredos de Kafka, engendrado por um escritor que cria labirintos com inúmeras entradas e algumas saídas, todas inacessíveis."

Médico e escritor, Paulo Rosenbaum nasceu em São Paulo, em 1959. Possui graduação em Medicina pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP-1986), mestrado em Medicina Preventiva, pela USP (1999), doutorado em Ciências pela Universidade de São Paulo (2005) e pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (2010). Com mais de uma dezena de livros publicados, escreve, regularmente, para o jornal *Estado de São Paulo*, no blog Conto de notícia. Roteirista e produtor de documentários, atuou como editor de revistas científicas no campo da saúde. É pesquisador na área de clínica médica, semiologia clínica, relação médico-paciente, prevenção e promoção da saúde e pesquisa de medicamentos. Além de ensaísta, é poeta, contista e romancista. Entre os títulos publicados estão *A Verdade Lançada ao Solo* (Record, 2010) e *Céu subterrâneo* (Perspectiva, 2016).

O Dia Mastroianni

O Dia Mastroianni (Ed. Record), de J.P. Cuenca, retrata os clichês da geração de jovens dos anos 1990. Ambientado numa cidade não identificada, mistura de várias cidades do mundo, entre bebidas e mulheres, os personagens marcam presença em festas para as quais não foram convidados e saboreiam os privilégios e as angústias de sua condição existencial. O autor usa artifícios da metalinguagem para criar uma narrativa questionadora de si mesma. O título faz referência ao ator italiano Marcello Mastroianni, galã que viveu personagens entre o irônico e o melancólico. Na orelha, o escritor Paulo Roberto Pires escreve: "O Dia Mastroianni é também um deboche com a literatura urbana e burguesa à qual o próprio Cuenca se vinculara em *Corpo presente*, seu livro de estreia."

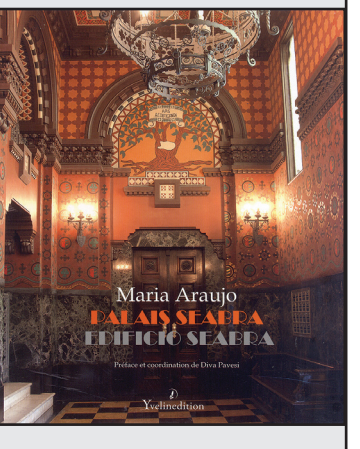
J.P. Cuenca é autor, entre outros, de *Descobri que Estava Morto* (2016), eleito o melhor romance do ano pelo Prêmio Literário Biblioteca Nacional e relacionado ao longa-metragem A morte de J.P. Cuenca (2015), e Qualquer lugar menos agora (2021). Em 2007, foi selecionado pelo Festival de Hay como um dos 39 jovens autores mais destacados da América Latina e, em 2012, foi incluído pela revista britânica *Granta* entre os vinte melhores romancistas brasileiros com menos de 40 anos. Seus livros já foram traduzidos para oito idiomas.

O Intérprete de Borboletas

O Intérprete de Borboletas (Ed. Record, 2022), novo romance de Sérgio Abranches, com 240 páginas, faz um retrato da polarização e da intolerância que se infiltrou na sociedade e nas famílias. Através de relações partidas e emoções à flor da pele, o livro retrata o tempo presente, e é estruturado a partir de dois núcleos familiares, que se misturam e ganham companhia de outros personagens. Costurando toda a violência e a divisão que tomaram conta do país, está o personagem que dá título ao livro, um ex-preso político que vive recolhido e isolado em um sítio, rodeado de borboletas, que busca resgatar a capacidade de se conviver com as diferenças.

Sociólogo, escritor e comentarista da rádio CBN na série Conversa de Política, Sérgio Abranches nasceu em Curvelo (MG) e mora no Rio de Janeiro. É autor de *No Tempo dos Governantes Incidentais e Presidencialismo de Coalizão: raízes e evolução do modelo político brasileiro* (finalista do Prêmio Jabuti na categoria Ensaio/Humanidades); dos ensaios *A Era do Imprevisto: A grande transição do século XXI* (vencedor do Prêmio Literário Nacional PEN Clube do Brasil) e *Copenhague Antes e Depois* (Editora Record), dos romances *Que Mistério Tem Clarice?* e *O Pelo Negro do Medo* (Editora Record), entre outras publicações.

Edifício Seabra



A obra bilíngue *Edifício Seabra/Palais Seabra* (Editora Yvelinédition") é fruto do trabalho de conclusão do curso (TCC) em Gestão e Produção Cultural, na FGV, de Maria Araújo. Com o tema arquitetura e arte eclética, o livro tem como foco o Patrimônio Histórico Cultural. O prédio é um exemplo do ecletismo arquitetônico, típica do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX. A intenção é levar para o leitor um breve conhecimento daquele período, tornando-o um expectador de uma sociedade que utilizou de diversos seguimentos culturais com liberdade de estilos em suas construções.

O pós-guerra possibilitou a imigração europeia e a modernidade. Artistas e arquitetos construíram verdadeiras obras de arte, adaptando estilos nas construções, com novos materiais. Com um viés na urbanização do Rio de Janeiro, a obra oferece belas fotos, tiradas pelo fotógrafo Márcio Monteiro.

A autora apresenta, ainda, uma breve biografia da família, Grimaldi Seabra, uma das representantes da classe bem-sucedida dentre os imigrantes europeus, com destaque para o empresário Nelson Seabra.

Maria Araújo é formada em Desenho de Moda e Indumentária, pela Universidade Estácio se Sá. Possui Licenciatura Plena nas Artes pela Faculdade Metodista Bennett e é Pós-Graduada em Gestão e Produção Cultural, pela Fundação Getúlio Vargas. Já participou de mais de 8 Antologias, no Brasil e no exterior, além de diversas exposições.

JL Entrevista transmitida em nível nacional, no Programa *Identidade Brasil*, apresentado, por Arnaldo Niskier, no Canal Futura.

Alexandre Valle

UniverSeeduc – Qualificando profissionais da Educação

Arnaldo Niskier: Hoje, temos o prazer de receber a visita do Secretário de Estado de Educação do Rio de Janeiro, o professor Alexandre Valle. Ele tem experiência vasta no assunto, na vida pública, já foi diretor de Pesos e Medidas do Rio de Janeiro e vai nos contar um pouco sobre isso também. Gostaria de fazer a primeira pergunta sobre o que é recuperação fiscal. Fala-se tanto nisso. O que é recuperação fiscal?

Alexandre Valle: O Estado do Rio de Janeiro passou por um problema grave, nos últimos anos, com salários atrasados, fornecedores que não eram pagos e o Estado passou por um processo em que foi ao governo federal para que fizesse o regime de recuperação. Algumas imposições foram colocadas ao Estado e fizeram com que, através de uma gestão comprometida com o Estado, pudesse se organizar as contas do Estado. E hoje temos a grande alegria do servidor poder receber seu salário em dia, honrar seus compromissos financeiros. É claro que esse processo todo do regime também acarreta compromissos e responsabilidades e, consequentemente, o Estado tem que cumprir suas obrigações para que permaneça no regime. Temos uma dívida alta para pagar, mas precisamos também adequar as contas do Estado, para que possamos nos beneficiar desse regime que o governo federal aceitou.

Arnaldo Niskier: Há previsão de um tempo para pagar essas dívidas?

Alexandre Valle: Há uma previsão, não sei lhe informar agora quantos anos são, mas há uma previsão e o governo tem que ir pagando essa dívida anualmente. São alguns bilhões de reais que contraímos de dívida, por isso precisa ter a responsabilidade com o recurso público para que o servidor, para que os investimentos no Estado, para que o Estado do Rio de Janeiro efetivamente possa voltar a crescer como o que temos assistido hoje.

Arnaldo Niskier: Existe a possibilidade de se pagar melhor ao professor, porque ouço reclamações de que os professores estão recebendo menos do que o razoável. Existe a possibilidade de melhorar isso?

Alexandre Valle: Essa é uma das condições, o gasto com o pessoal que o Estado fica tolhido de fazer. O governo do Estado tem a preocupação não só com a infraestrutura da nossa rede, mas com o nosso servidor, e muito tem sido feito para o servidor público da educação, além dos outros servidores, mas falo aqui pelo da educação. Processos que ficaram anos parados na Secretaria, como progressões, atualização do valor do vale-transporte e do vale-alimentação. No ano passado, tivemos o abono do Fundeb, tivemos duas cotas do auxílio tecnológico, mas precisamos ter responsabilidade. O regime não permite que o Estado tenha um aumento com gasto de pessoal. Na educação, acontece um fato até engraçado, porque temos índice constitucional para bater e, à medida que a arrecadação aumenta, temos que aumentar o investimento. Certamente, quando você faz novas escolas, tem que ter novos profissionais e isso eleva o gasto com o pessoal, então ficamos submetidos ao regime de recuperação, que não permite essas novas contratações. Nesse momento, tiramos do papel um concurso de 2013/2014 e o regime nos autorizou a chamar 600 profissionais. Deveríamos chamar mais profissionais. Estamos trabalhando agora junto ao regime, para que autorize o chamamento de novos profissionais, mas esse é um investimento com pessoal e o Estado fica nesse questionamento com gasto com pessoal, que é uma grande preocupação, porque você não faz uma conta só desse momento, você faz uma conta ao longo dos anos. Quando você coloca um funcionário para dentro do serviço público, você vai ter uma conta a pagar ao longo de 20, 30, 40 anos.

Arnaldo Niskier: Você fala em profissional da educação, diria professores. Quantos professores abriga sua Secretaria de Estado?

Alexandre Valle: Nossa rede tem 60 mil funcionários hoje. Não falo só de professores. Temos inspetores, orientadores, merendeiras, enfim, é uma rede complexa, a maior rede do Estado a nível de servidores. Temos todo carinho, toda preocupação e todo compromisso, porque são esses servidores que fazem a transformação efetiva dos nossos alunos, para que tenhamos a condição de dar o melhor ensino, dar melhor qualidade de vida a esses alunos que tanto esperam do serviço público.

Arnaldo Niskier: Outro dia lhe fiz uma visita e você estava criando uma universidade corporativa dentro da Secretaria. Qual o objetivo disso?

Alexandre Valle: A UniverSeeduc é uma universidade corporativa que vai permitir a capacitação permanente de toda nossa rede. Esse processo estava há muitos anos no papel, tiramos do papel e vamos dar qualificação aos nossos profissionais de educação por período contínuo. Então é de suma importância para nós, foram parcerias com instituições muito importantes, como a UERJ, UFRJ, SENAI e diversas outras instituições.

Arnaldo Niskier: A UniCarioca entrou nisso e cedeu muitas bolsas?

Alexandre Valle: Sim, cedeu aproximadamente 10 mil bolsas. Então essa é a importância da criação da UniverSeeduc, onde nosso servidor, nosso professor estará ali sendo capacitado e preparado cada vez mais.

Arnaldo Niskier: Existe a possibilidade, nesse ano eleitoral, de contratar mais professores para o sistema?

Alexandre Valle: A Secretaria tem autorizado a contratação, através de GLP, que é uma gratificação, de 16 mil profissionais e mais contratos temporários, nesse período, para suprir essa carência. Para se ter noção, na Secretaria de Educação, hoje, se aposenta, em média, por ano, 3 mil profissionais e há uma necessidade de suprir essa carência. Existe hoje a necessidade e estamos tentando junto com o regime, junto com a Procuradoria, vencer essa questão do gasto com o pessoal, para que possamos suprir essa necessidade. Já temos autorizado os contratos temporários e a gratificação, a GLP, para que possamos, dentro da própria rede, trazer esse profissional para suprir essa carência, quando ele tem o tempo vago.

Arnaldo Niskier: Então não há risco de faltar professor e ter aluno sem aula?

Alexandre Valle: Temos feito todo esforço possível para que isso não ocorra. Temos as carências também que são provisórias. Por exemplo: em uma rede desse tamanho, tenho professores que saem de licença médica, licença-maternidade e diversos outros tipos de licença, então é uma rotina diária e ficamos sempre buscando um contrato ou a GLP para cobrir essa carência. Estamos fazendo todo o possível para que isso não ocorra na rede. É claro que o mais importante será um novo concurso que não ocorre desde 2013/2014.

Arnaldo Niskier: Prestei muita atenção no seu discurso no dia da inauguração do que seria sua universidade corporativa e você falou muito em qualidade do ensino. Como assegurar essa qualidade indispensável?

Alexandre Valle: O que é importante dizermos: a educação passou por um problema, no mundo, não foi só no Rio de Janeiro, que foi a pandemia. Tivemos praticamente dois anos terríveis para a educação e uma perda muito grande. O que precisamos garantir é a qualidade do ensino. Hoje precisamos garantir que esse aluno na ponta, que é o nosso cliente (tudo isso que fazemos é para que ele seja beneficiado, não só com o resultado que ele tenha), possa sair da escola, ingressar numa universidade pública, poder se formar e construir sua vida. Para isso, temos que capacitar cada vez mais a nossa rede, para que esses alunos tenham ensino de qualidade.

Arnaldo Niskier: Quantos alunos são?

Alexandre Valle: Hoje temos aproximadamente 730 mil alunos, temos 1.232 escolas, temos escolas interculturais, escolas cívico-militares, escolas vocacionadas à música, ao esporte. Estamos agora num projeto, que inauguramos semana passada, em Caxias, que é a primeira escola Etec, escola de novas tecnologias e oportunidades.

Arnaldo Niskier: Quais são essas novas tecnologias?

Alexandre Valle: Essas novas tecnologias estão sendo embarcadas em 50 Cieps. Temos energia solar e aproveitamento de água, robótica, gameficação, óculos de realidade virtual. As telas são com lousa digital, tanto o professor quanto o aluno, se tiverem necessidade de escrever, escreve

e apaga com a caneta ou com a própria mão. O professor tem a possibilidade de colocar o pen-drive e fazer sua aula, já vai direto para a tela, tecnologia de ponta. Por exemplo, numa aula de geografia, o professor na tela já puxa aquele país, aquele local, já diz como está fazendo e o aluno tem a possibilidade de ver aquilo ali na sua frente on-line.

Arnaldo Niskier: E isso é em todas as escolas ou só em algumas?

Alexandre Valle: Esse é um projeto modelo que está sendo implantado em 50 Cieps espalhados não só pela capital, mas pelo interior e pela baixada fluminense. A opção foi pedagógica e toda nossa parte técnica escolheu, são escolas de horário integral que, além de toda tecnologia, tem arte, música, horta, o projeto lixo zero, sustentabilidade, tem sala de jogos...

Arnaldo Niskier: Essas escolas têm basicamente bibliotecas e laboratórios?

Alexandre Valle: Bibliotecas, laboratórios, chromebooks. Na semana passada, fomos inaugurar a primeira e todos que lá estiveram disseram que estavam com vontade de voltar para a escola, porque realmente é algo encantador. Cada vez mais, fazemos e percebemos que o aluno olha para a escola e vê que aquilo pertence a ele. É esse sentimento de pertencimento que viemos lutando e conquistando dia a dia, para que aquele aluno, que muitas vezes não tem oportunidade em casa, que entre numa escola daquela... Posso lhe garantir hoje, com toda certeza, que a grande maioria das escolas privadas não tem esses equipamentos tecnológicos que colocamos na nossa rede pública. São impressoras 3D, canetas 3D, então é dar oportunidade a esses alunos numa tecnologia a que poucos têm acesso hoje.

Arnaldo Niskier: O que aconteceu com os Cieps que se deterioraram?

Alexandre Valle: Temos aproximadamente 500 Cieps. De posse do Estado, há 240, porque o restante foi municipalizado. A nossa gestão (tanto do governo quanto a minha, na Secretaria) tem empenhado o papel de recuperar todas as unidades nossas. Temos a previsão de recuperar não só os Cieps, mas as escolas regulares. Nesse projeto, os 50 já estão sendo todos retrofitados, o conceito da tecnologia e o conceito da estrutura no sentido de manutenção. O Ciep tem muito problema de infiltração, tudo isso está sendo revisto, então a Secretaria vem fazendo um investimento muito grande na parte de infraestrutura. Hoje tenho mais de 107 escolas, junto com a Emop, e estamos iniciando obras de recuperação de telhados, mas tem sido grande parceira da Secretaria. O que me alegra muito é saber que o governo como um todo trabalha de forma unida, as Secretarias estão integradas, uma auxilia e ajuda a outra, isso é muito importante.

Arnaldo Niskier: Qual é a que está mais ligada à educação? É Ciência e Tecnologia?

Alexandre Valle: A Ciência e Tecnologia e a Seduc, Secretaria de Educação, compõem o orçamento da educação, mas ela cuida da parte profissional através da Faetec, do ensino profissionalizante e das universidades que estão ligadas a ela. E temos a rede de ensino fundamental II e a rede de ensino médio ligada à Seduc.

Arnaldo Niskier: O que é essa tal escola cívico-militar. O que é isso?

Alexandre Valle: Tenho muito orgulho hoje de ter não só ampliado esse projeto, porque temos dois grandes projetos dentro da Secretaria, três, porque as escolas vocacionadas também fazem parte disso. Temos as escolas interculturais, que são parcerias com as embaixadas, e as escolas cívico-militares em que há todo um trabalho voltado para a cidadania, para organização militar no sentido de formar, como se fosse antigamente o nosso Colégio Militar, sendo que os professores são cívicos e temos os profissionais cedidos pela Polícia Militar e duas escolas pelo Bombeiro e eles dão toda essa orientação de cidadania aos nossos alunos. Ontem participei de um evento em Areal onde a nossa escola cívico-militar é um sucesso. Essas escolas têm a menor infrequência da rede, então isso é um ganho, tanto ela quanto nossas escolas interculturais, porque mostram que efetivamente o aluno sente a questão do pertencimento naquela escola.

Arnaldo Niskier: Durante algum tempo, você foi diretor do Instituto de Pesos e Medidas, que é um órgão muito importante na estrutura do Estado do Rio de Janeiro. Como foi essa experiência?

Alexandre Valle: Uma experiência muito importante, porque o IPEM (Instituto de Pesos e Medidas) é um órgão delegado do Inmetro e poucas pessoas conhecem a importância dele. É um órgão que garante ao consumidor que ele não seja lesado, ao exemplo, quando você coloca combustível no seu carro é ele que fiscaliza para saber se aquela quantidade de líquido que está marcando ali é o que está entrando efetivamente no tanque de gasolina. É aquele que vai avaliar, quando você vai comprar um determinado produto, se dentro daquela embalagem é o que está sendo referido ali na etiqueta. É aquele que vai garantir quando você vai a uma loja de material de construção e compra dois metros de areia, que você está recebendo na sua casa dois metros de areia. É um instituto de suma importância, altamente respeitado que faz o trabalho também nos taxímetros dessa classe tão maravilhosa que temos aí que são os taxistas, que faz a correção do relógio, que faz a verificação do taxímetro. Então é um órgão muito importante e, muitas vezes, a própria população não tem o conhecimento de sua importância. No período que passei lá como presidente, fizemos grandes ações, fizemos um trabalho belíssimo, tenho muito orgulho de ter tido essa oportunidade de vivenciar essa experiência.

Arnaldo Niskier: E recursos para fazer tudo que você projeta em matéria de educação. Existem esses recursos?

Alexandre Valle: Hoje precisamos ter a capacidade efetiva de executar os investimentos. É o que temos feito, investindo na infraestrutura, no nosso aluno, nos nossos servidores, demos um abono Fundeb. Costumo dizer que o dezembro de 2021 nunca mais será esquecido pela rede de educação como um todo, foi um ano muito importante, pudemos atender nossos servidores da melhor forma possível...

Arnaldo Niskier: O governo federal tem ajudado o Rio de Janeiro.

Alexandre Valle: É o dinheiro que volta, é o repasse que o Estado recebe, aí não é só o Rio, todos os Estados receberam. Mas houve um aumento na arrecadação referente ao ano passado de suma importância, mas o governo do Estado repassa e aí há um fato importante: o governo está fazendo um TAC com o Ministério Público, com o Tribunal de Contas, em que todo recurso que não foi investido, no período da pandemia e períodos anteriores em que governadores anteriores não investiram, não atingiram o índice da educação, nos próximos 20 anos, será investido na educação. Essa foi uma atitude do governo do Estado, mostrando a sua responsabilidade com a educação, garantindo à educação a efetiva utilização do dinheiro que pertence à educação. Então esse dinheiro que não foi gasto no período da pandemia e nos anos anteriores que não se atingiu o índice constitucional, há o compromisso do governo do Estado em garantir esses recursos na educação. Isso é de suma importância, acho que o Rio de Janeiro está dando um exemplo aos demais Estados. Nós, como gestores públicos a frente da Secretaria, ficamos muito agradecidos com o governo como Estado, com o governador que tem se empenhado nessa posição de olhar para a educação como meta de política pública de Estado e não apenas uma política pública de governo.

Arnaldo Niskier: E com isso será possível construir novas escolas?

Alexandre Valle: Temos um déficit na cidade do Rio, no diurno, mas o governo vem investindo, por exemplo, retomamos a obra em uma escola que estava há 13 anos parada, na Cidade de Deus. Também retomamos as obras em uma escola que estava há mais de 10 anos parada, em Rio das Ostras. Estamos fazendo obras em Pedra de Guaratiba, desapropriamos algumas escolas fechadas, para que possamos diminuir cada vez mais esse déficit de aluno em sala de aula. Então o investimento não parou em educação. Estamos investindo, construindo, desapropriando, porque o Estado não compra, desapropria, o nome que se dá nessa operação de compra e venda, para que possamos aumentar nossa rede, aumentar nossos alunos, atender cada vez mais esse aluno que, por alguma razão ou outra, não tenha oportunidade de estar em sala de aula.

Arnaldo Niskier: Certamente você conhece as escolas e pergunto: existe uma escola modelo? Aquela que possamos dizer "Olha, presta atenção nessa escola, é o modelo de tudo que estamos fazendo".

Alexandre Valle: A rede pública do Estado não tem uma escola, tem várias escolas modelo. Temos muito orgulho disso. O Estado do Rio de Janeiro tem dado muito exemplo e, muitas vezes, vejo pessoas criticarem a escola pública, porque certamente não conhecem a escola pública. Temos resultados brilhantes na nossa rede, temos parcerias brilhantes, temos profissionais que têm dado exemplo, temos alunos que ganham campeonatos, olimpíadas de matemática, olimpíadas de xadrez, a rede é dinâmica, grande. Posso aqui citar a escola Erich em Santa Cruz, é uma escola onde há telhado verde, banda, xadrez, horta, áudio, laboratório...

Arnaldo Niskier: Você não acha que isso tudo depende muito do diretor da escola?

Alexandre Valle: Não tenha dúvida, mas por isso estamos fazendo a capacitação dos diretores, porque esses diretores normalmente que são professores e, quando assumem a direção, são alçados ao cargo de ordenador e passam a ser gestores. Posso garantir que mais de 95% da nossa rede é excepcional. De resto pode ter um problema pontual de gestão e que estamos corrigindo isso e dando todo apoio àquele profissional que por acaso tenha tido algum tipo de dificuldade na sua gerência, no seu dia a dia de uma unidade escolar.

Academia Brasileira de Letras celebra 125 anos como guardiã dos saberes do país

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

Com o lema *Ad Immortalitatem* ("rumo a imortalidade"), a mais nobre instituição da nossa literatura comemora 125 anos, todos em prol da memória cultural do país. A Academia Brasileira de Letras (ABL) nasceu, oficialmente, no dia 20 de julho de 1897, numa sala do museu Pedagogium, na Rua do Passeio, onde seu primeiro presidente, Machado de Assis, fez um breve pronunciamento. O Brasil acabara de chegar à era republicana e vivia grandes transformações. Nascida à margem de rupturas, a instituição carrega, em seu gene embrionário, a capacidade de regeneração e superação, com o respaldo de uma histórica pujança intelectual cujo enredo resiste em ser esgotado.

Inspirada na Academia Francesa, o primeiro secretário, Rodrigo Octavio, reuniu a memória histórica dos atos preparatórios da ABL, que vinham se realizando desde 1896, e o secretário-geral, Joaquim Nabuco, fez a homologação inaugural. No estatuto, o objetivo estava bem definido: "a ABL tem por fim a cultura da língua e da literatura nacional." O discurso de Machado de Assis fixou, de forma definitiva, o início de uma nova era para a cultura nacional: "O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual essa se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles o transmitam aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira."

Eis os primeiros membros: Araripe Júnior, Artur Azevedo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Teixeira de Melo, Visconde de Taunay. Também Coelho Neto, Filinto de Almeida, José do Patrocínio, Luís Murat e Valentim Magalhães, também presentes às sessões anteriores, e ainda Afonso Celso Júnior, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Garcia Redondo, Pereira da Silva, Rui Barbosa, Sílvio Romero, Urbano Duarte, Aluísio Azevedo, Barão de Loreto, Clóvis Beviláqua, Domício da Gama, Eduardo Prado, Luís Guimarães Júnior, Magalhães de Azeredo, Oliveira Lima, Raimundo Correia e Salvador de Mendonça. Os Estatutos foram assinados por Machado de Assis, presidente; Joaquim Nabuco, secretário-geral; Rodrigo Otávio, 1º secretário; Silva Ramos, 2º secretário; e Inglês de Sousa, tesoureiro.

Fotos: Arquivo ABL.

A sessão inaugural, que marca o início da história da ABL, acontece no Museu Pedagogium, na Rua do Passeio.

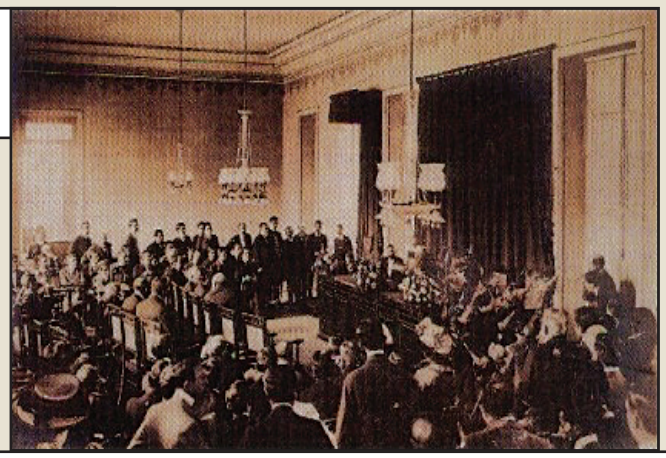
Conjugando saberes diversos do cenário cultural, político e social, parte essencial do imaginário nacional se reforça através dos acadêmicos que, desde então, ajudaram a pavimentar o papel da instituição como guardiã e promotora do pensamento humanista. A Casa de Machado, como ficou conhecida, continuou a receber representantes de diferentes áreas, da Filosofia ao Direito, da Sociologia à Medicina, da Economia à Religião (entre os quatro prelados acadêmicos, Dom Silvério Gomes Pimenta, o primeiro arcebispo negro do Brasil).

Em 1923, o governo francês doou à ABL o prédio, réplica do Petit Trianon de Versailles, construído no ano anterior para abrigar o pavilhão da França, na Exposição Internacional comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, no Rio de Janeiro. Primeira sede própria da Academia, o prédio funciona até hoje como local para as reuniões regulares dos acadêmicos e para as Sessões Solenes comemorativas e de posse de novos membros da ABL. Para alguém se candidatar é preciso ser brasileiro nato e ter publicado, em qualquer gênero da literatura, obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livros de valor literário.

Nas solenidades, à semelhança da Academia Francesa, os imortais brasileiros envergam o fardão, vestimenta verde escuro com folhas bordadas a ouro, que tem como complemento um chapéu de veludo negro com plumas brancas e uma espada. As acadêmicas, que passaram a integrar a Casa de Machado de Assis em 1977, usam um longo e reto vestido de crepe, na mesma tonalidade do fardão, também com folhas bordadas a ouro. Em 1996, a acadêmica Nélida Piñon, quinta ocupante da Cadeira 30, eleita em 27 de julho de 1989, na sucessão de Aurélio Buarque de Holanda, tornou-se a primeira mulher, em 100 anos, a presidir a Academia Brasileira de Letras, no ano do seu I Centenário.

Em 20 de julho de 1979, na presidência do acadêmico Austregésilo de Athayde, foi inaugurado o Palácio Austregésilo de Athayde, na Avenida Presidente

Este é possivelmente o mais antigo registro fotográfico, em 1909, de uma sessão pública da Academia Brasileira, realizada, ainda, no Silogeu.



Integrantes da panelinha, criada em 1901 para a realização de festivos ágapes e encontros de escritores e artistas. A fotografia é de um almoço no Hotel Rio Branco (1901), que ficava na rua das Laranjeiras, 192. De pé, temos: Rodolfo Amoedo, Artur Azevedo, Inglês de Sousa, Olavo Bilac, José Veríssimo, Sousa Bandeira, Filinto de Almeida, Guimarães Passos, Valentim Magalhães, Rodolfo Bernadelli, Rodrigo Octavio, Heitor Peixoto. Sentados: João Ribeiro, Machado de Assis, Lúcio de Mendonça e Silva Ramos.

Wilson, ao lado do Petit Trianon. O objetivo era construir um prédio moderno que, no futuro, se tornasse base sólida do patrimônio da Academia, além de fazê-lo instrumento de promoção da cultura sobre toda a nação brasileira. Para tal, obteve doação do governo do terreno onde abrigava o Pavilhão Inglês, na Exposição Internacional comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. Atualmente, parte do Palácio Austregésilo de Athayde é espaço para atividades culturais e local onde se situa a Diretoria e a Biblioteca Rodolfo Garcia.

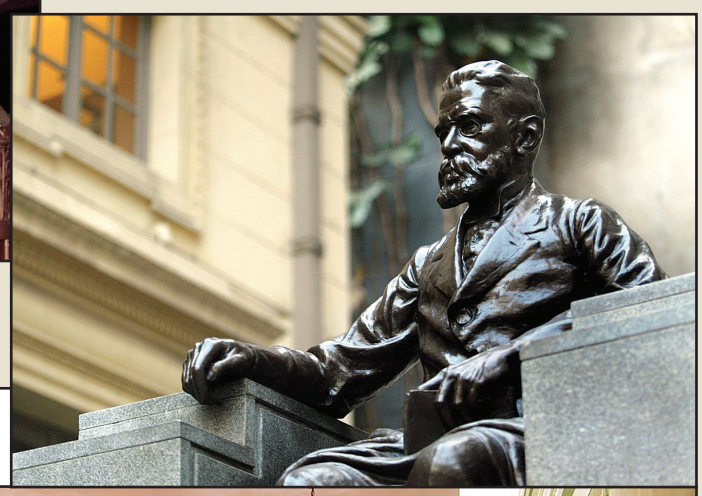
Resistência

Aberta a todos os saberes, intérprete do substrato cultural que nos modela, a Academia tornou-se a casa tanto da literatura quanto da excelência científica (de Osvaldo Cruz ao neurocirurgião Paulo Niemeyer Filho). Também marcaram presença intelectuais que fizeram a história da imprensa no país, como os jornalistas Assis Chateaubriand, dos Diários Associados, e Roberto Marinho, do Globo. Neste ano, juntaram-se aos quadros da Academia dois grandes artistas, mostrando um esforço da instituição em democratizar e popularizar os ocupantes de suas cadeiras: a atriz Fernanda Montenegro, que tomou posse em março, e o músico Gilberto Gil, em abril. Em comum, todos reúnem a salvaguarda da arte e do pensamento humanista, além do espírito de resistência civilizatório.

Com 40 membros efetivos e perpétuos, e 20 sócios correspondentes estrangeiros, equilibrada entre tradição e modernidade, a Casa de Machado foi mantendo os valores de sua fundação, com devoção ao empenho memorialístico, insurgindo-se contra o esquecimento que, eventualmente, se abate sobre a consciência histórica. O tempo passa, mas as páginas escritas pelos acadêmicos têm vida própria. Não morrerão nunca. Um legado que eleva e credencia, junto às novas gerações, a própria história do nosso país.

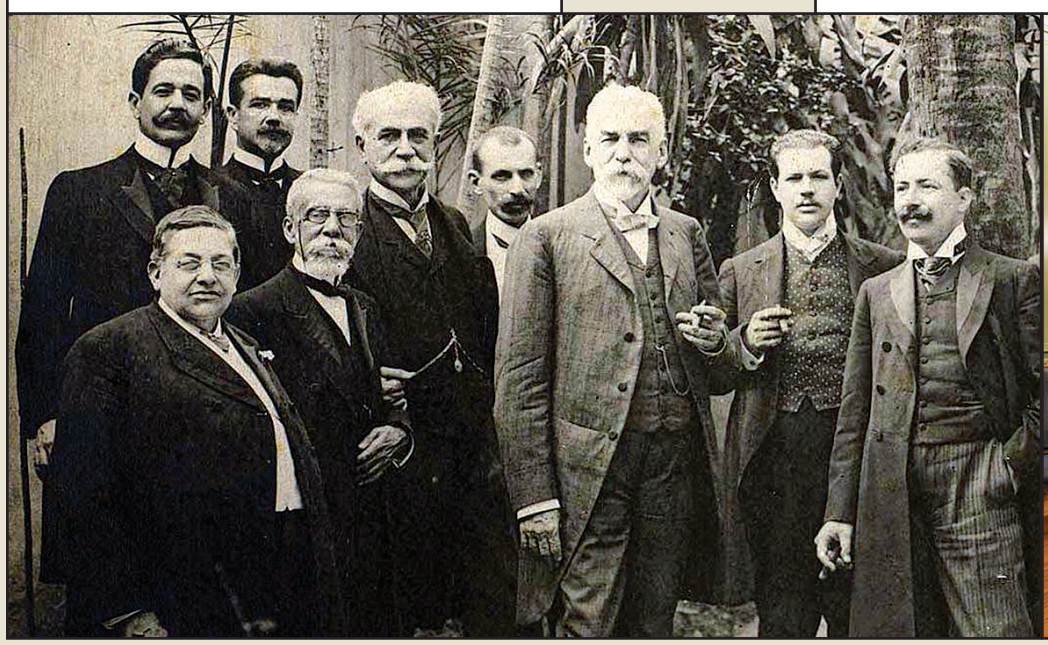
Nélida Piñon, ocupante da cadeira 30, é eleita a primeira mulher presidente da casa. Ana Maria Machado ocuparia a presidência em 2012 e 2013.

O caminho para a presença de mulheres entre os imortais da literatura brasileira foi aberto em 4 de agosto de 1977, quando a escritora cearense Rachel de Queiroz fez história ao ser a primeira mulher eleita para a ABL.



Busto de Machado de Assis, primeiro presidente da ABL e o Salão Nobre no Petit Trianon.

Machado de Assis e os primeiros acadêmicos.



JL Literatura Infantil Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

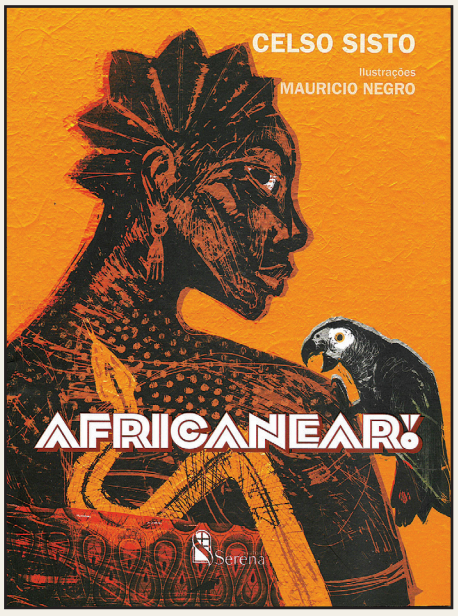
Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Encontros e coragem

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Confesso, ainda me sinto medrosa com saídas e encontros. A máscara não sai da bolsa e, na dúvida, sempre é colocada. Aos poucos, devidamente imunizada, a coragem vai retornando e a vida volta ao quase-normal. Shows incríveis iluminaram a minha alma: Marisa Monte, Milton Nascimento e Ney Matogrosso. Não dava para perder! Agora, com a força dos desafios, retomo os encontros literários. Claro que a literatura infantil é o meu foco de sempre, mas receber o abraço do quase sobrinho Rodrigo Alvarez no lançamento do novo livro *O candidato* (Citadel), foi um carinho especial.

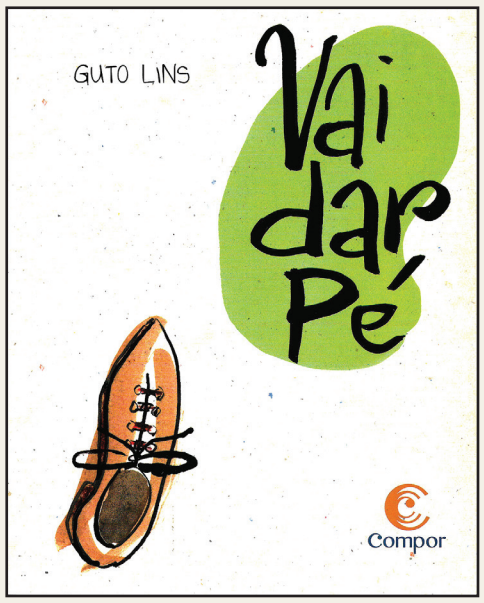
O melhor de tudo, no entanto, foi a comemoração do retorno de Celso Sisto, autor e amigo querido, ao Rio de Janeiro após anos vivendo no Rio Grande do Sul. Esse carioca da gema escolheu a serra fluminense para morar e, aconchegado com o carinho dos amigos, lançou seu mais recente título aqui na Cidade Maravilhosa, bem perto de nós!



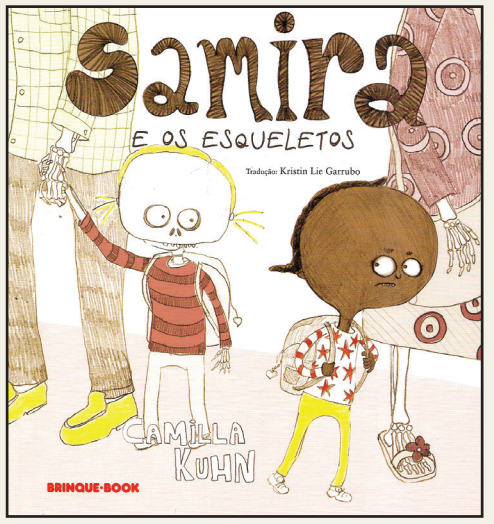
Africanear! – (Serena) – Celso Sisto é pesquisador e estudioso das histórias africanas. Seus cursos e livros revelam admiração e conhecimento sobre os povos originários da África. Africanear! É mais um exemplo desse amor. O traço e o colorido forte de Maurício Negro refletem a arte africana. Histórias curiosas, com pessoas e animais espertos e que terminam com um conto com tema comum a todos os lugares: como uma mosca incomoda!

Celso Sisto e Anna Rennhack na Blooks Livraria.

Uma Raposa – Um livro de contar (e de suspense) – (Companhia das Letrinhas) – Kate Read (texto e ilustrações), tradução de Ellen Maria Vasconcellos. Adoro livro bonito! Livro que te envolve de primeira, pelas cores, pelo cuidado editorial e, claro, pela história! A intenção até pode ser reforçar a aprendizagem inicial de números e contagem, mas é muito mais do que isso! A própria quantidade desenvolve a história divertida e de final inesperado. Só para adiantar: a raposa continua com fome!



Vai Dar Pé – (Compor) – Guto Lins é conhecido por suas histórias e ilustrações criativas. Em *Vai Dar Pé*, o autor e ilustrador apresenta os inúmeros sentidos figurados em que a palavra pé aparece. Pé de cabra, pé de alface... Expressões que enriquecem o vocabulário dos pequenos, divertem os maiores e estimulam outras descobertas.



Samira e os Esqueletos – (Brinque-Book) – Camila Kuhn escreveu e ilustrou, e Kristin Lie Garrubo traduziu. Inúmeras pesquisas demonstram que a garotada adora histórias de terror com fantasmas e caveiras. Mas na hora de estudar o corpo humano, Samira leva um baita susto! Todos nós temos um esqueleto dentro de nós! Assustada, a menina passa a ver todos a sua volta como caveirinhas e se afasta até mesmo de seus amigos. Depois de superar o susto, em nova aula, a professora diz que embaixo da pele somos revestidos de músculos! Bem, mas aí é outra história!

Roda de conversa com Cíntia Barreto, Cristiane Mandanêlo, Celso Sisto, Julio Emílio Braz e Rogério Andrade Barbosa.

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

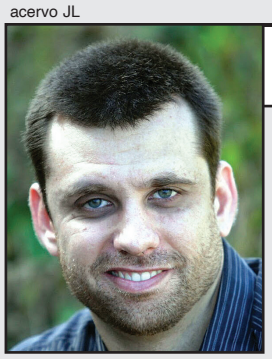
O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

Andréa del Fuego

(São Paulo, 1975) Escritora brasileira. Andréa Fátima dos Santos nasceu na cidade de São Paulo, em 1975. Formada em Filosofia pela Universidade de São Paulo, é autora de romances, contos e livros juvenis. É autora do romance *Os Malaquias* (vencedor do Prêmio José Saramago), publicado na Alemanha, Itália, França, Israel, Romênia, Suécia, Portugal etc. Seu último romance, *As Miniaturas*, foi publicado na França. Autora também da trilogia de contos *Minto Enquanto Posso, Nego Tudo* e *Engano seu*, dos juvenis *Sociedade da Caveira de Cristal*, *Quase Caio* e *Irmãs de Pelúcia*. Ganhou o prêmio Literatura Para Todos do Ministério da Educação com a novela *Sofia, o Cobrador e o Motorista*. Integra as antologias: *Geração Zero Zero*, *Popcorn Unterm Zuckerhut* (Alemanha), *Other Carnivals: New Stories* (Inglaterra), *Brésil 25* (França), entre outras. Como colunista do programa Entrelinhas, da TV Cultura, produziu matérias sobre autores como Murilo Rubião, Roberto Bolaño, Ana Akhmatova, Julio Cortázar e Enrique Vila-Matas. Obras publicadas: Romances – 2021 – *A Pediatra* (Companhia das Letras); 2013 – *As Miniaturas* (Companhia das Letras); 2010 – *Os Malaquias* (Língua geral). Contos – 2009 – *Nego Fogo* (Dulcinéia Catadora); 2007 – *Engano seu* (Ed. O Nome da Rosa); 2005 – *Nego Tudo* (Fina Flor); 2004 – *Minto enquanto posso* (Ed. O Nome da Rosa). Infantojuvenis: 2007 – *Blade Runner* (Mojo Books); 2013 – *Sociedade da Caveira de Cristal* (Scipione); 2008 – *Quase Caio* (Escala Educacional); *Crônica* (Editora Escala Educacional, 2008); Infantil – 2010 – *Irmãs de Pelúcia* (Scipione).

acervo JL



Eduardo Spohr

(Rio de Janeiro, 5 de junho de 1976) Jornalista, escritor, professor, blogueiro e podcaster brasileiro. É autor de *A Batalha do Apocalipse* e das trilogias *Filhos do Éden* e *Santo Guerreiro*. Participa do podcast Nerdcast, do site Jovem Nerd. Eduardo Spohr nasceu no Rio de Janeiro, em 5 de junho de 1976, filho de um piloto de aviões e de uma comissária de bordo. Estudou Comunicação Social, formando-se pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) em 2001. Trabalhou como repórter do StarMedia e iG, como analista de conteúdo do portal iBest e depois editor do portal Click21. Em junho de 2010, o Grupo Editorial Record publicou *A Batalha do Apocalipse*. Em 2011, lançou o primeiro livro da série *Filhos do Éden*, intitulado *Filhos do Éden: Herdeiros de Atlântida* e final, *Filhos do Éden: Anjos da Morte* em 2013, e por fim publicou *Filhos do Éden: Paraíso Perdido* em 2015. Em 2016, lançou *Filhos do Éden: Universo Expandido*, uma enciclopédia e guia de RPG de mesa, escrito pelo próprio romancista e ilustrado por Andrés Ramos. Spohr disponibilizou em seu site pessoal o livro em pdf *Filhos do Éden* - Suplemento de RPG, adaptação compatível com o sistema Dungeons & Dragons 5.0. Em 2020, iniciou a trilogia *Santo Guerreiro*, com o primeiro livro da trama, intitulado *Roma Invicta*. Eduardo é considerado pelo romancista de renome mundial, Paulo Coelho, uma das estrelas desta geração de escritores ainda desconhecidos pela crítica especializada.

acervo JL

Laura Erber

(Rio de Janeiro, 1979) Escritora, artista visual e professora brasileira. Sua prática artística se caracteriza pelo constante trânsito entre linguagens. Realizou o filme *Diário do Sertão* (2003), em que o sertão de Guimarães Rosa é reativado. Recebeu bolsas do Le Fresnoy (França) e Akademie Schloss Solitude (Alemanha). Suas obras foram exibidas em diversos museus e centros de arte no Brasil e na Europa (Fondació Miró, Le Plateau, Jeu de Paume, Grand Palais, Casa Europeia da Fotografia, CIAP Vassivière, Museu de Arte Contemporânea de Moscou, Skyve Ny Kunstmuseum, Palais de Beaux Arts de Paris, Centro Cultural Banco do Brasil, MAM-Rio). Em 2015, com o crítico Karl Erik Schøllhammer fundou a editora digital Zazie Edições, voltada para ensaios sobre arte, teoria e crítica. Bolsas e Prêmios: Prêmio Nova Fronteira de melhor adaptação livre da obra de João Guimarães Rosa (Belo Horizonte, 2001); Le Fresnoy – Studio National des Arts Contemporains (França); Bolsa VITAE ARTES (São Paulo); Akademie Schloss Solitude (Alemanha); Vlaanderen Pen Center (Bélgica); Prefeitura de Paris / Le Recollets (França). Livros publicados: *Insones* (7Letras, 2002); *Körper und Tage* (Merz-Solitude, 2006); *Os Corpos e os Dias* (Editora de Cultura, 2008); *Vazados & Molambos* (Editora da casa, 2008); *Bénédicte Vê o Mar* (Editora da casa, 2011); *Ghérasim Luca* (EdUERJ, 2012); *Esquilos de Pavlov* (Editora Alfaguara, 2013); *Bénédicte Não se Move* (E-Galaxia, 2014); *Nadinha de Nada* (Cia. das Letrinhas, 2016); *A Retornada* (Relicário, 2017); *Mesa de Inspecção do Açúcar e Tabaco* (não edições, 2018); *Theadoro Theodor* (Quelônio, 2018).

Incomensurável talento

Até o dia 9 de outubro, o público terá a oportunidade de apreciar a *Incomensurável paixão*, da artista plástica Isabela Francisco, na Casa de Cultura Laura Alvim, em Ipanema. O título da nova exposição da inesgotável capacidade criativa de Isabela revela o superlativo talento da artista e seu firme compromisso em dialogar com os sentimentos humanos mais profundos.

Dando continuidade a questões abordadas em mostras anteriores, Incomensurável paixão procura intensificar a reflexão do papel do artista contemporâneo. Isabela Francisco explica a ligação com a mostra anterior: "Os trabalhos vão se expandindo com o tempo. Há uma sequência", explica a artista que coordena grupos de mulheres vítimas de violência, que resultou na exposição Presenças Invisíveis, em março deste ano, no Museu do Poder Judiciário do Rio de Janeiro.

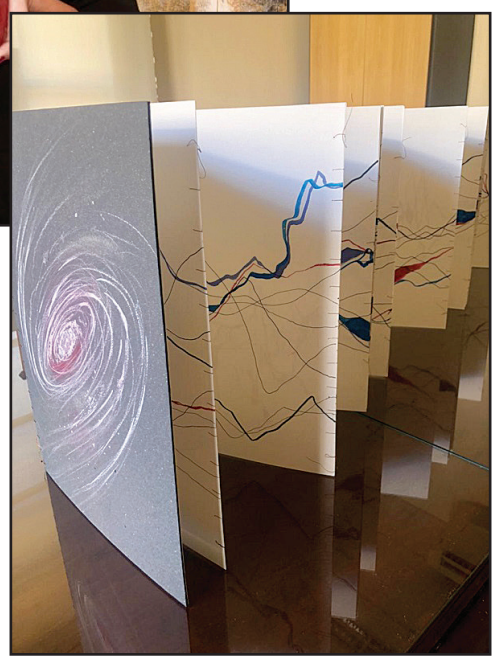
Divididas em quatro salas, cerca de 30 obras buscam dialogar com o público, apresentando ao espectador, de modo surpreendente, as paixões que alinhavam, principalmente, o universo feminino. Os fios estão presentes por toda a exposição, desde os de cabelos, nossa potência exterior, até as artérias do coração, representadas por fios de cobre.

Entre os trabalhos de destaque, está o livro instalação *Equilíbrio*, cujas páginas "costuradas" simbolizam a vida. Enquanto o olhar passeia pelo livro, o espectador ouve a voz da artista recitando versos, com o som da batida de um coração, ao fundo: "Vou nascer e morrer de uma nebulosa. Durante todo trajeto me equilibro em um fio, tentando atingir o inalcançável. As batidas do coração são meu norte e o sangue arterial e venoso me acompanham pelo caminho."

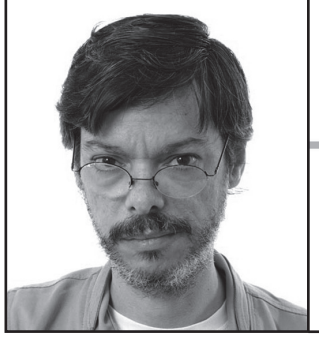
Na sequência de quadros Encabeladas, a artista utiliza seus próprios cabelos, se fazendo presente neles. Ali, deixa, literalmente, a sua marca, através do próprio DNA. Em outra sala, os quatro metros da Árvore da Paixão também chamam atenção, simbolizando as artérias em que fios de cobre se entrelaçam, de onde rompem "frutos da paixão".

Com entrada franca, na Casa de Cultura Laura Alvim (Avenida Vieira Souto, 176, Ipanema), a exposição Incomensurável paixão abre de terça à domingo, das 13 às 18 horas. Um vídeo da mostra pode ser visto nas redes sociais da artista, que faz postagens de sucesso semanais, no programa Fazendo Arte por Toda Parte.

A talentosa artista plástica Isabela Francisco e sua nova mostra *Incomensurável paixão*, na Casa de Cultura Laura Alvim.



O livro instalação *Equilíbrio* é um dos destaques da exposição Incomensurável paixão.



Desenharte

Por Zé Roberto

zrgrauna@hotmail.com

Desenharte 19 anos

No dia 1º de junho de 2001, resolvi passar pelo Norte Shopping com a ideia de comprar um CD para minha mãe que, naquela data, comemorava mais um aniversário. Entrei numa loja especializada e comecei a procurar alguma coisa que fosse do agrado da Dona Glória, cujo gosto eclético flutua entre Nelson Gonçalves, Roberto Carlos, Zeca Pagodinho, Moacy Franco e muita gente boa. Eu estava na seção de sambistas e bati de frente com um disco do Luiz Ayrão. Enquanto olhava frente e verso da embalagem, lendo os detalhes daquela obra, no caso uma coletânea da série Meus Momentos, da EMI, percebi que alguém estava atrás de mim. Imaginando que fosse um cliente aguardando que eu saísse da frente daquela prateleira para também escolher um CD, movimentei-me com a intenção de abrir espaço para o "cliente" da loja, quando ele me disse, referindo-se ao Luiz Ayrão: "Esse cara é bom!". Concordei fazendo sinal positivo com a cabeça e, ao olhar para o sujeito, descobri que estava dando papo ao próprio Luiz Ayrão (cuja caricatura, desenhada exclusivamente para esta edição, é do genial Nei Lima). Percebendo meu pequeno susto, ele riu e informou que estava indo para uma loja em frente. "Vou naquela ótica ali. Dá uma chegada lá que eu autografo o disco para você!", disse e se retirou. De fato, seria um presente especial e tanto, um disco autografado para minha mãe não poderia ser melhor e mais autêntico.

Luiz Ayrão visto por Nei Lima.

Comprei o CD e fui à tal ótica. Luiz Ayrão estava na parte administrativa da loja e me convidou a entrar. Informou que a loja era de sua filha e que estava apenas fazendo uma visita. Passamos a conversar e ele me perguntou o que eu fazia da vida. Naqueles dias, eu estava encerrando minha trajetória como desenhista, já que, há poucas semanas, eu havia sido demitido de uma editora. "Sou um desenhista recém-desempregado", respondi. Foi então que ele comentou mais ou menos assim: "Na arte, é preciso abrir o leque. Além de desenhar, você escreve?" Respondi que eu apenas anotava algumas coisas sobre desenho e História da Caricatura, e que cheguei a publicar um textinho bem tosco no extinto *Jornal de Letras*, dos irmãos Condé (Elysio, José e João), poucas edições antes da extinção do jornal; mas que nunca havia desenvolvido nada importante. Luiz Ayrão então sacou um cartão de visitas e anotou o nome e os contatos do diretor do *Jornal dos Clubes*. Informou que ele mesmo escrevia mensalmente para aquela publicação, e me disse para procurar o Jorge Nogueira dos Santos. "Pode falar com ele e dizer que é indicação minha!", concluiu. Saí de lá com um autógrafo supersimpático para minha mãe e com algumas ideias legais sobre a possibilidade de me tornar colunista de um jornal.

Os contatos com Jorge Nogueira não deram em muita coisa. Naqueles tempos, ainda não tínhamos a internet como é hoje, e os contatos eram mais lentos, burocráticos e previamente feitos pelo telefone fixo. Depois de algumas semanas telefonando, tentando me encontrar com Nogueira, ele me recebeu gentilmente na redação do *Jornal dos Clubes* e ouviu minhas sugestões. O problema é que ele não gostou muito da ideia de uma coluna sobre histórias em quadrinhos ou afins no seu jornal, e abortou a proposta logo no primeiro encontro, mas fiquei com a frase do Luiz Ayrão na cabeça ("é preciso abrir o leque") e resolvi não desistir e buscar outro jornal. Durante meses enviei mensagens a diversas revistas e jornais, mas nenhum desses veículos sequer me deu qualquer retorno. Por mais de 1 ano, sempre que passava nas bancas de jornais, comprava todos os veículos alternativos para buscar espaço. Dei preferência à imprensa nanica, obviamente que eu considerava que nenhum jornal diário me aceitaria para escrever sobre o desenho brasileiro. Por isso, mirei nos alternativos que ainda resistiam naqueles tempos – e pensar que hoje em dia a chamada "Grande Imprensa" respira por aparelhos. Quando me dei conta, já estávamos em 2003 e eu quase desistindo da minha utópica carreira de colunista, quando vi um jornal alternativo que eu ainda não havia adquirido, pendurado numa banca. Eu estava passando pela Rua Dias da Cruz, no Méier, e vi um exemplar do **Jornal de Letras**. Era a nova versão do jornal literário, agora editado pelo acadêmico Arnaldo Niskier. Comprei uma edição e, ao chegar em casa, enviei uma mensagem de e-mail para a redação propondo uma coluna sobre o desenho nacional. Alguns dias depois, recebi uma mensagem assinada pelo próprio Arnaldo Niskier solicitando que eu enviasse uma coluna experimental no formato horizontal, ocupando 1/3 de página. Depois de dois anos tentando, foi a primeira vez que obtive ao menos uma mensagem de retorno. Fiquei empolgado e enviei material conforme as orientações, e a ideia, surpreendentemente, foi aprovada naquela mesma semana. A coluna Desenharte foi então publicada pela primeira vez em setembro de 2003, na edição nº 61. Aos poucos, ganhou mais espaço, até que na edição nº 135, de outubro de 2009, passou a ocupar uma página inteira.

Encontro com Arnaldo Niskier

Eu já estava há mais de 1 ano publicando a coluna no **Jornal de Letras**, quando recebi uma ligação da Andréia Ghelman, filha de Arnaldo Niskier e secretária executiva do jornal. Numa rápida conversa, ela sugeriu que eu fizesse uma visita à redação, já que ainda não nos conhecíamos pessoalmente. A ideia era que eu fosse apresentado ao Arnaldo Niskier, coisa que, confesso, me deixou bastante inseguro. Não fazia ideia de como seria conhecer um imortal da Academia Brasileira de Letras. Além disso, Niskier é a própria História da língua portuguesa, jornalista com passagens pela revista *Manchete*, da Bloch; jornal *Última Hora* e Rádio MEC, além de ter tido participação efetiva nos governos da Guanabara, de Negrão de Lima, e Secretário de Educação e Cultura do Rio de Janeiro. Também recordei da minha timidez nas poucas vezes que esbarrei com outro imortal da ABL, no caso o velho Austregésilo de Athayde, nos tempos que trabalhei no *Jornal do Commercio*, nos anos 1980. Todas as vezes que esbarrava com ele no elevador, o silêncio quase sepulcral era cortado com sua frase "muito obrigado!", ao ascensorista, quando ele saía. Outra coisa que me preocupava bastante era meu péssimo hábito na maneira de me apresentar e vestir. Eu não uso roupas sociais, não calço sapatos há anos (só uso tênis) e minhas camisas são sempre daquelas de malha, quase sempre com uma estampa nerd explodindo, no pior estilo "Sheldon Cooper". Quer dizer, eu teria tudo para me sentir como um filhote de cuco que acabou de sair da casca.

Quando fui a Ipanema, na empresa onde se localiza a redação do **Jornal de Letras**, fui levado à sala do Niskier. Ele me recebeu, como se diz na gíria, "no salto". De terno e gravata, elegante como poucos, me convidou a sentar à sua frente e foi logo perguntando: "E então, Zé, você é de onde?" Eu, imaginando que o Arnaldo Niskier fazia parte daquela elite que não conhece nada além da Vieira Souto, respondi que eu era um suburbano típico, praticamente nascido e criado num bairro chamado Riachuelo. E ainda retifiquei: "Sou do Riachuelo, o bairro, e não a Rua do Riachuelo, do Centro do Rio. As pessoas sempre confundem!" Foi aí que o Niskier me deu uma rasteira e desandou a descrever o bairro do Riachuelo de forma invejável: "Ah, sim, bairro dividido pela linha férrea, de um lado a Ana Neri, pertinho da Rua Flack, e do outro lado a Marechal Rondon e as ruas Vitor Meireles, Marechal Bittencourt, que é onde fica o Riachuelo Tênis Clube, esquina com a Rua 24 de Maio, próximo da estação, aliás, onde o médico e deputado Bezerra de Menezes fez fama. Joguei muita bola de meia no bairro! Passei parte da infância na localidade!" Depois de praticamente me derrubar, percebi que a tal imortalidade era mera formalidade. Arnaldo Niskier é simples e mortal como os meus.

Depois deste primeiro encontro, estive no endereço mais algumas vezes, inclusive a foto que ilustra esta edição foi um clique da Andréia Ghelman, em 2018.

Assim nasceu esta coluna, graças a um encontro casual com o cantor e escritor Luiz Ayrão, e à simplicidade imortal de Arnaldo Niskier, o único editor que deu importância ao Desenho Brasileiro, e respondeu minha mensagem.

Saúde e Arte!

Encontro com Niskier.

Panorama literário

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira*

No primeiro trimestre de 2022, recebi livros de Josina (Jô) Drumond, Jorge Elias Neto e Matusalém Dias de Moura.

Jô Drumond.

Jô Drumond, poeta, ensaística, contista e tradutora, com mais de 20 publicações, me presenteou o livro *Poémáqua – Poemas e aquarelas*, dividido em três partes: Diversos, Reflexões e Amores, e a obra *Simplesmente Mulher*.

Poémáqua (2021) contém trinta aquarelas e trinta poemas em português e francês. Os quadros reforçam a mensagem lírica na contemplação da natureza e da vida. Há nos poemas uma estrutura espiritual sem um arcabouço lógico. *Simplesmente Mulher,* publicada neste ano, 2022, é uma coletânea de contos e estudos sobre uma situação que envolve personagens femininos. Os temas são diversos, predominando os sobre casamentos bem e malsucedidos e suas leis, e sobre situações de abuso sexual e de poder contra a mulher.

Jorge Elias Neto.

Jorge Elias Neto, poeta e médico, autor de mais de oito livros de poesia, nesse período de pandemia publicou duas obras poéticas: *A Arte do Zero* (2021, *64 p.)* e *Manual para Estilhaçar Vidraça* (2021, 128 p).

Em *Manual...*, nos cinquenta manuais, não encontramos normas, mas uma "estilhaçada" e labiríntica leitura de poemas que, num jogo humorístico, nos vai revelando os absurdos que a vida oferece. Exemplo, p. 109-110, o poema *Manual das praticâncias com os desuntesílios modernos*, no qual o eu poético nos apresenta uma *desrazão*, ou a inutilidade da vida e a desesperança do homem: "O ser contorcido e minúsculo,/ perdido nas mendicâncias,/ aturdido,/ não tem sequer lembranças/ dos caules das plantas,/ do céu, do mar,/ do que teria sido levitar/ sobre um resquício de esperança.// Vaga na massa cinzenta/ das ruas, refém das cores/ cruas, frias,/ desprovidas do milagre do mistério,/ calculadas para trazer miséria/ e ganância ao homúnculo/ e seus sentidos,/ e sua soberba,/ e seu olhar de súplica/ – seu desejo solúvel,/ transformado em uma nova fé// e sua culpa inútil, por não ser feliz." Em *A Arte do Zero* (64 p.), nas 34 composições poéticas, há uma niilidade da vida e das coisas e grande tensão emocional como o poema *Ser semente*, p. 55: "Os corpos semeados/ em jazigos/ também são obras do acaso/ e se igualam/ em sua substância última/ – não carregam nas moléculas/ partículas de soberbia." Mas também os versos podem nos revelar uma impotência do eu poético como no poema *Zero hora*: "Sou o princípio,/ não passagem;// momento prece/ dos ponteiros rendidos/ ao capricho do tempo" (p. 38).

Matusalém Dias de Moura.

Matusalém Dias de Moura entre os seus 30 livros, de contos, haikais e sonetos, presenteou-me *Salmos das Montanhas,* 2021, 79 p., com 79 poemas. Surpreendeu-me o novo aspecto formal matuseano, pois não eram nem sonetos, nem haikais, mas delicadas composições poéticas construídas com versos livres, que, numa espécie de desabafo, o poeta nos vai apresentando, com afeto e pouco a pouco, a vida que cresce num meio rural entre vizinhos amigos e familiares. Em suas lembranças, guardadas num recipiente onde ressoa a música do universo, como um caracol que deixa ouvir um ruído de vagas, fluem, nas métricas e rimas, ecos de um universo de harmonia terrunha. Nesse ambiente de pai, mãe e pessoas amigas, o poeta em criança via um Deus diferente do de agora "[...] em cada rosto queimado de sol,/ suarento e cansado. [...]" mas "[...] um velho feito de nuvens/ dessa das tardes de verão densas./ às vezes claras, às vezes escuras/ sombreando várgeas e montanhas,/ e que, movidas pelo vento,/ desenham diferente figuras no infinito. /[...]" (p. 50, poema *O Deus de minha infância*).

Salmos das Montanhas é um canto ao rincão Natal do poeta. Nele une a poesia e o homem, e não deixa de mencionar o nascer de Iúna, no poema *A cidade*, p. 15: "No princípio, era a mata,/ o Rio Pardo, os peixes, as aves./ Depois o homem,/ a enxada, a foice, o machado:/ força bruta construtora/ (ou destruidora?)/ a erguer a primeira rua, o vilarejo, as famílias,/ o bem comum dos moradores.../ o tempo fluiu/ e, devagar, a vila transformou-se/ numa cidade de pedra.../ Dos telhados e quintais,/ restam, apenas, encardidas fotografias/ guardadas nos fundo de gavetas e baús,/ em meio a traças e coisas velhas/ a reavivarem lembranças e memórias,/ enquanto Iúna caminha rumo a um outro depois."

Essa obra me fez lembrar duas obras com fortes traços autobiográficos: o *Poema sujo* de Ferreira Gullar, e *El país del Rey e a Casa Imaginária* de Roberto Almada. Gullar, num cenário de São Luís, com figuras de pai, primo, tio, vizinhos que povoaram a sua juventude, faz o seu desabafo poético. Roberto Almada, com simplicidade e ternura, reelabora a realidade encobrindo o que não merece ser exibido. Constrói o seu mundo poético numa casa onde "por dentro muito segredo/ por fora silêncio e medo". Seleciona o espaço, limpa-o e recobre-o com palavras que vão escamoteando um objeto, substituindo-o por outro, evitando o "real".

Essas obras, como cada dedo de nossa mão, variam no aspecto formal, mas se identificam na qualidade.

---

*Ester Abreu Vieira de Oliveira é presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

JL Novos Lançamentos

bethalmeida23@gmail.com

Vegetação original

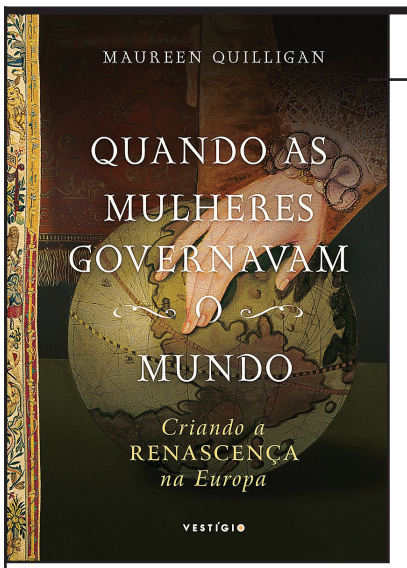
A destruição de florestas e demais formas de vegetação nativa do Brasil é decorrência do tipo de desenvolvimento imposto desde a colonização do país, cuja expansão econômica se deve, principalmente, à exploração de recursos naturais. Mas esse suposto desenvolvimento tem trazido, no longo prazo, vantagens econômicas e sociais para a maioria da população? Cabe a quem impedir que a ocupação do território seja feita de forma cada vez mais agressiva ao meio ambiente. Para responder essas e outras perguntas, Zé Pedro de Oliveira Costa apresenta neste livro *Uma História das Florestas Brasileiras* (Editora Autêntica) um panorama detalhado sobre as diferentes etapas da ocupação do território brasileiro a partir da derrubada de sua vegetação original. O autor foi o primeiro secretário do Meio Ambiente do estado de São Paulo, professor da Universidade de São Paulo (USP) e hoje atua como pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da mesma instituição. Além de um dos organizadores do Sistema Ambiental brasileiro, Zé Pedro é um dos maiores responsáveis pela criação de parques e outras áreas protegidas de grande dimensão do país, tendo alcançado que muitas delas integrem hoje a lista do Patrimônio Mundial Natural da UNESCO.

Ser avó

Viver em um mundo lúdico e mágico é para Helen Maria um lugar de conversa. Apaixonada pelas artes, a enfermeira de profissão, criadora do projeto "Emplaque o Bem" (@emplaqueobem), encontrou uma maneira de agradecer a chegada do seu neto Miguel: escrevendo um livro, mas também confeccionando cenários, personagens e seus figurinos. E assim nasceu *Vovó Re Versa* (Literando), dedicado ao seu pequenino novo amor, que além da linda homenagem, conversa sobre as inseguranças de qualquer pessoa diante do novo, de como ser a partir de agora: como deve ser uma avó? Um encontro com este colorido e sensível universo de Helen Maria, com a "presença" dos personagens e cenários que compõem a ilustração da publicação. Na construção de *Vovó Re Versa*, a autora desenvolveu seu texto repleto de referências do mundo atual, mas fez questão de mostrar o imaginário dos contos da literatura mundial, assim como seus afetos, como o cão Nescau, que esteve com a família por mais de uma década e partiu há pouco meses. Um singelo aval de Ziraldo, que comentou: "Muito bonito, muito interessante, muito criativo", foi o que faltava para a autora seguir com o seu livro, que ganhou prefácio de Gizele Toledo.

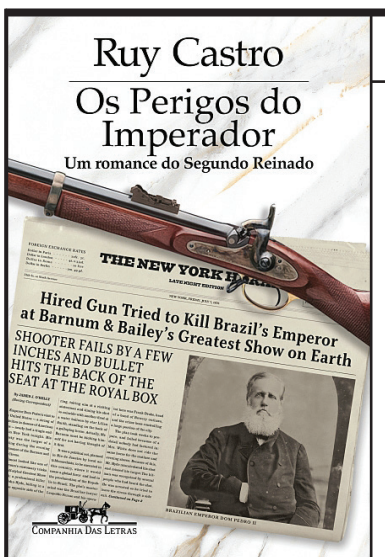
Ser fã

Como a maioria das histórias de paixões arrebatadoras, essa também passa ao largo da razão. Diferente dos casos de amor incontido, não há sofrimento, mas um final incomum. O autor do livro *Ninguém Sabe quem Sou eu (a Bethânia agora sabe)*, (Editora Máquina de Livros), o jornalista Carlos Jardim abre o coração e conta em detalhes até onde um fã pode ir: da descoberta da artista na adolescência à lenta aproximação até o atual e apoteótico momento: a realização de um filme dirigido e roteirizado por ele – e estrelado por ela – em exibição no país a partir de setembro. Jardim, como Bethânia o chama, não esconde o jogo no livro. Narra na primeira pessoa, numa conversa informal com o leitor, suas muitas obsessões, comuns a fãs inveterados: madrugar em fila de ingresso, catar objetos deixados no palco depois dos shows, aguardar horas na porta dos camarins em troca de alguns segundos diante da cantora. E como fã que se preze, ele também exibe no livro alguns troféus de sua coleção particular, quase um "museu Maria Bethânia": fotos com ela, discos autografados, mensagens pessoais, entre outros itens, reunidos ao longo da vida e guardados como preciosidades. Com prefácio da jornalista Andréia Sadi, o livro é escrito com encantamento e repleto de curiosidades e bastidores, divertido da primeira à última linha.



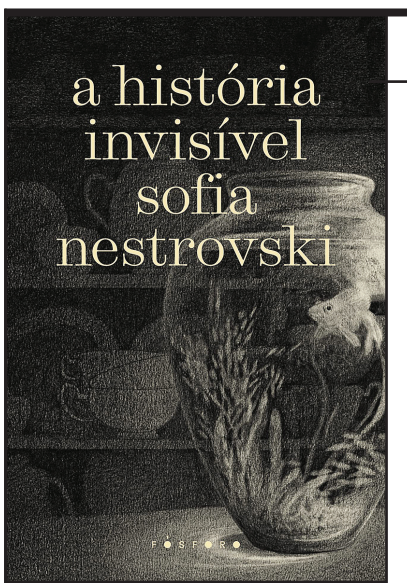
Mulheres governantes

Nesta revolucionária revisão da história, *Quando as Mulheres Governavam o Mundo – Criando a Renascença na Europa* (Editora Vestigio), Maureen Quilligan, uma das maiores especialistas sobre o Renascimento, mostra como quatro poderosas mulheres redefiniram a cultura da monarquia europeia no glorioso século XVI – um período de crônica instabilidade, com instituições de tradicional autoridade sendo desafiadas e guerras religiosas que pareciam não ter fim. Houve também o testemunho do nascimento marcante de uma cultura pacifista, cultivada por um grupo de extraordinárias mulheres governantes – Mary Tudor, Elizabeth I, Catarina de Médici e Mary da Escócia –, cujas vidas estiveram interligadas não apenas por ascendentes comuns e casamentos, mas também por um reconhecimento mútuo de que, a partir de suas posições de destaque, elas precisavam se unir, enquanto mulheres, para combater forças que desejavam destruí-las e que ameaçavam a própria estrutura monárquica. Com uma crônica vibrante e uma criatividade artística, esta obra bem ilustrada oferece uma nova perspectiva sobre o século XVI e, acima de tudo, uma visão inédita de mulheres que, com grande engenhosidade política, semearam uma cultura da paz.



Conspirações

Combinando o melhor da ficção com a reconstituição histórica, Ruy Castro cria uma trama de tirar o fôlego que faz do imperador D. Pedro II o alvo de uma conspiração antimonarquista. Em 1876, D. Pedro II embarcou num vapor rumo aos Estados Unidos para as comemorações do Centenário da Independência americana e passou três meses conhecendo o país. Em *Os Perigos do Imperador – Um romance do Segundo Reinado* (Cia das Letras), Ruy Castro parte desse episódio verídico e constrói um romance eletrizante, que imagina um atentado fatal contra o monarca orquestrado por republicanos brasileiros. Fazem parte dessa trama o poeta Sousândrade, que à época vivia em Nova York; James O'Kelly, repórter do *New York Herald*; Deoclecio de Freitas, dono de um virulento periódico antimonarquista; e Leopoldo Ferrão, a peça-chave para a execução do plano. Além, é claro, do grande elenco da corte imperial. Presente no livro está toda a versatilidade de Ruy Castro como escritor. Com a experiência de biógrafo, reconstitui habilmente a atmosfera do Brasil e dos Estados Unidos do século XIX; como romancista, tece uma narrativa intrigante que intercala a voz do narrador com diários, cartas, reportagens e editoriais, fazendo o leitor se questionar sobre o que de fato aconteceu.



Alice reinventada

Sofia, ou bisnaguinha, a menina que "passa os dias conversando com as próprias ideias", tinha um único desejo: tornar-se invisível. Após fazer esse pedido em seu aniversário de sete anos e tê-lo realizado, a pequena se vê livre para andar pelos lugares mais mágicos do mundo, numa aventura que todos nós gostaríamos de ter a oportunidade de vivenciar. Com uma escrita experimental, lúdica e permeada pela magia, *A História Invisível* (Fósforo Editora) é a estreia de Sofia Nestrovski na ficção. Neste livro, somos levados pelos caminhos do universo infantil através do olhar dessa personagem que só queria escapar do tédio, mas acabou se lançando em um mundo fabular repleto de conversas com sapos e peixes e dos lugares mais recônditos, como o tronco de uma árvore. Com ilustrações inéditas de Danilo Zamboni, essa versão século XXI de Alice no País das Maravilhas nos convoca a fugir, a deixar para trás a rotina e a mesmice, e a reencontrar os pensamentos da infância que abandonamos ao longo dos anos. *A História Invisível* nos leva por caminhos poéticos e cheios de imagens que trazem alento para a rotina, ao mesmo tempo que nos lembra de como a infância também pode ser dolorosa.

CHEGOU A HORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br

CNC | Federações | Sindicatos | Sesc | Senac / Trabalho a favor do Brasil.

Uma ponte entre o coração e a consciência

Por Manoela Ferrari*

A escritora Manoela Ferrari, no lançamento dos livros *O Medo Amigo*, *Um Pingo Fora do Lugar* e *A Dinastia das Abelindas*, em tarde de autógrafos na Livraria Argumento, no Rio.

Bravura, persistência e coerência. Aos que me perguntam o que é necessário para continuar acreditando na Arte como potência, essa é a minha resposta.

Jornalista há 34 anos, mãe há 29, professora, há 23, e escritora há 11 anos, trago em mim a convicção do quanto a palavra é poderosa. O fio que me conduziu à Literatura evidencia o legado potente das trajetórias que elegi como heroicas. Somos frutos das escolhas de nossos próprios mitos.

Desde pequenos, quando ouvimos as primeiras histórias infantis, passamos a organizar, de forma mais clara, os sentimentos que temos em relação ao mundo. Comecei a escrever para as crianças durante a pandemia, numa tentativa de me fazer presente junto aos meus alunos da Creche Santa Terezinha, obrigados ao isolamento social que o momento exigia. Tirei os personagens que eles mais gostavam da oralidade e os materializei. Era uma forma de dar continuidade à nossa rodinha de leitura, onde "ninguém solta a mão de ninguém".

A leitura (e, no mesmo sentido, a escrita) somente faz sentido se for acompanhada da capacidade de construir, pela via do afeto, uma ponte entre o coração e a consciência. Não por acaso os temas que escolho trazer à luz estão ligados às questões que considero urgentes, colocando-se em contundente diálogo com a realidade.

No primeiro momento, veio *O Medo Amigo*, onde procurei levar um respiro emergencial diante do sufoco planetário que vivenciamos no início da pandemia. Não sou médica, nem especialista na área de Saúde. Minha ciência é a Língua Portuguesa. Meu exército são as palavras. Minhas armas, os livros. A matéria-prima do meu material de trabalho são as letras.

A enfermidade que atingiu o planeta apontou-nos o esgotamento de modelos econômicos, políticos, ambientais e sociais que precisam ser revistos. Os paradigmas de crescimento econômico e da polarização social, somados com a degradação do meio-ambiente, caminham para a devastação da humanidade.

Nesse cenário, escrevi *Um Pingo Fora do Lugar* e *A Dinastia das Abelindas*. Em comum, ambos abordam a questão ambiental e o essencial espírito de solidariedade, que precisam, mais do que nunca, ser cultivados. Apesar da seriedade das mensagens dos meus livrinhos, o arsenal de personagens que ponho em marcha convoca os leitores a sintonizar num campo vibracional positivo.

Países como o Brasil, onde há uma objetiva possibilidade de integração entre biodiversidade e diversidade cultural, podem assumir a vanguarda de propostas transformadoras. Estamos diante da oportunidade de repensar e redefinir o modelo de existência do planeta. O reconhecimento da centralidade na educação e na cultura é emergencial.

O desconhecimento é o princípio da crise. O combate à degeneração do tecido social requer esforços de toda a sociedade, começando pela infância. O mal se corta pela raiz. Temos que investir, com urgência, em nossas crianças. As virtudes não são inatas. Susceptíveis de aprendizagem, são construídas por nós, no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e fazemos.

Compreender o mundo para transformá-lo significa, sobretudo, compreender e viver a ética, a empatia e a solidariedade. Sigo aprendendo com o passado e semeando no presente. Persisto no otimismo. Continuo acreditando na colheita do futuro. Como resultado, vibrei com a notícia de que meus livros foram classificados para concorrer ao Prêmio Jabuti deste ano.

Minhas histórias não tratam de superar crises ou problemas somente por resistir aos efeitos ou consequências, mas pela própria capacidade de rever valores e princípios. Se o momento é de morte ou guerra, cabe, a cada um de nós, optar pela cura e pela paz.

---

*Manoela Ferrari é jornalista e escritora, membro correspondente da Academia Espírito-santense de Letras, da Academia Feminina Espírito-santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do ES; colaboradora do **Jornal de Letras**, desde 2002.

Manoela Ferrari recebe os cumprimentos da imortal Nélida Piñon e do empresário Luiz Carlos Ritter.

Manoela Ferrari, recebendo os cumprimentos do jornalista Aristóteles Drummond e da museóloga Vera Tostes.

O acadêmico Arnaldo Niskier e a mulher, Ruth, com a jornalista e escritora Manoela Ferrari.

O casal Isio e Andréia Ghelman, da equipe do *Jornal de Letras*, também prestigiou a tarde de autógrafos de Manoela Ferrari, na Livraria Argumento.

Você, amanhã

Por José Carlos Gentili*

No Brasil, o exercício da Medicina é regido pela Lei nº 12.842/13, que estabelece:

> "Art. 2º O objeto da atuação do médico é a saúde do ser humano e das coletividades humanas, em benefício da qual deverá agir com o máximo de zelo, com o melhor de sua capacidade profissional e sem discriminação de qualquer natureza.
> Parágrafo único. O médico desenvolverá suas ações profissionais no campo da atenção à saúde para:
> I – a promoção, a proteção e a recuperação da saúde;
> II – a prevenção, o diagnóstico e o tratamento das doenças;
> III – a reabilitação dos enfermos e portadores de deficiências."

Hipócrates (Cos 460 a.C. – Tessália 70 a.C.), considerado o Pai da Medicina, jurou, por Apolo médico, por Esculápio, Hígia e Panacea, cumprir "os regimes para o bem do doente segundo o meu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém." Mais, "Se eu cumprir este juramento com fidelidade, que me seja dado gozar felizmente da vida e da minha profissão, honrado para sempre entre os homens; se eu dele me afastar ou infringir, o contrário aconteça." Sem dúvida, a Medicina não é só uma profissão, mas sim um sacerdócio! Algo metafísico, transcendental à gênese humana, gestado pelos atos médicos, milenarmente. Por sua vez, as atividades médicas estão submetidas ao Código de Ética Médica, pela via da Resolução CFM nº 1.931/2009, que norteia as evoluções e relações, face à infinita realidade da inteligência artificial, pela qual a ciência ruma pelo universo da criação, em direção ao incognoscível. Recentemente, o ilustre traumatologista potiguar – Doutor Ailson Guedes –, coadjuvado pelo jovem ora discente de Hipócrates, embora doutorado em outros segmentos, o percuciente e dedicado Gregory Gentili, estão a finalizar um trabalho hercúleo, qual seja o *Dicionário Ósseo* com o fito de proporcionar a gnose da ossatura humana pelas vertentes da cientificidade e nominação histórica. Sem dúvida, algo destinado a fixar os estudos e a memória da historicidade dos ossos, visando facilitar os estudos da massa discente na Medicina, algo surreal e pragmático. Para completar a visão didática deste monumental *Dicionário Ósseo*, convidaram o genial pintor e artista plástico Nival Mendes de Assis para reproduzir desenhos dos ossos humanos, a enriquecer a obra com visualizações imperdíveis. A mero título colaborativo, encarregaram-me, também, de zelar pelo capítulo atinente à etimologia óssea, a percorrer os meandros nominais dos étimos linguísticos, D´Aquém e D´Além-mar, a rememorar as origens das nomenclaturas. O *Dicionário Ósseo* será um sucesso midiático e educativo aos estudantes de Medicina no Brasil, brevemente. A inteligência artificial galopa pelo universo da instantaneidade temporal.

*José Carlos Gentili, Membro Nacional Correspondente da Academia Brasileira de Filologia e da Academia das Ciências de Lisboa.

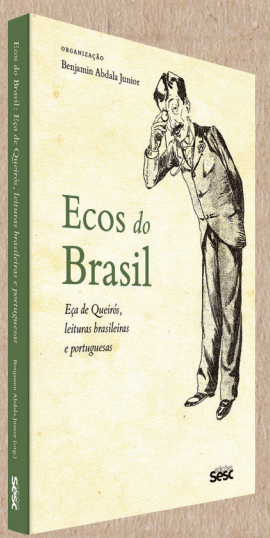
SET
22

_LANÇA MENTOS

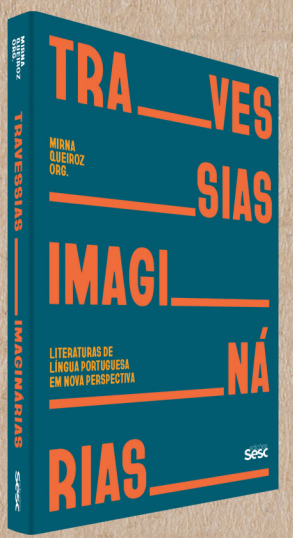
LITERATURA LIVRE
Ensaios sobre ficções de culturas que formaram o Brasil
Organização: Ricardo Giasetti e Renato Roschel

O projeto Literatura Livre, parceria entre Instituto Mojo e Sesc São Paulo, disponibilizou gratuitamente na internet traduções de textos literários de culturas estrangeiras presentes na formação do povo brasileiro. A coletânea *Literatura livre: ensaios sobre ficções de culturas que formaram o Brasil*, por sua vez, reúne reflexões sobre os contextos, as traduções e as interpretações desse conjunto de obras da literatura mundial, permitindo vislumbrar como elas se inserem no rol da literatura de língua estrangeira no país.

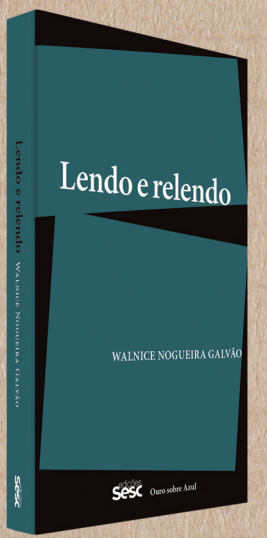
CONHEÇA TAMBÉM



ECOS DO BRASIL
Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas
Benjamin Abdala Junior



TRAVESSIAS IMAGINÁRIAS
literaturas de língua portuguesa em nova perspectiva
Organização: Mirna Queiroz



LENDO E RELENDO
Walnice Nogueira Galvão

BOCA DO AMAZONAS
sociedade e cultura em Dalcídio Jurandir
Willi Bolle

sescsp.org.br/edicoes

/edicoessescsp

edições Sesc